

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

JOVANA DULLIUS

MULHERES JORNALISTAS EM CAMPO:
O ASSÉDIO NO ESPORTE NÃO ACABOU

PORTO ALEGRE

2023

JOVANA DULLIUS

**MULHERES JORNALISTAS EM CAMPO:
O ASSÉDIO NO ESPORTE NÃO ACABOU**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Sandra de Deus

PORTO ALEGRE

2023

Jovana Dullius

**MULHERES JORNALISTAS EM CAMPO:
O ASSÉDIO NO ESPORTE NÃO ACABOU**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em _____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Thais Helena Furtado – UFRGS

Prof. Dr^a. Sabrina Franzoni – Unisinos

Orientadora Prof^a. Dr^a. Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Liana e Donato, que seguraram ainda mais forte a minha mão quando decidi sair de casa para estudar. Que se preocupam, me apoiam, me ligam todos os dias e comemoram comigo minhas vitórias. Que estão presentes e sempre fizeram de tudo e mais um pouco para que eu me sentisse bem e feliz durante a minha vida toda. Começo os agradecimentos a eles, que são minha base e meu porto seguro.

À minha irmã, Rosana, que está sempre presente. Que torce por mim, vibra nas minhas conquistas e me ajuda nos momentos de insegurança.

Ao Henrique, que esteve ao meu lado durante toda a graduação, que dedicou tempo da vida dele para aliviar a minha e que não soltou a minha mão nos momentos em que até eu duvidei de mim mesma.

E assim estendo os agradecimentos a todos os meus amigos, que mesmo de longe, não deixaram de perguntar, de se importar e incentivar a produção deste trabalho.

À minha orientadora, prof. Sandra, que me guiou e caminhou comigo durante esses últimos quatro meses.

Também agradeço à UFRGS, essa instituição pública, de qualidade, que me deu oportunidade para conhecer Porto Alegre, participar dos melhores estágios e me tornar a estudante e profissional que sou hoje.

Essa pesquisa foi uma das etapas mais desafiadoras da graduação, mas é muito gratificante vê-la concluída, como se ela simbolizasse tudo o que vivi desde que entrei na UFRGS.

RESUMO

Esta pesquisa analisa os impactos do #DeixaElaTrabalhar em relação ao assédio às mulheres jornalistas esportivas cinco anos após a campanha. Além da presença feminina ter sido mais tardia do que a masculina nas coberturas esportivas, as mulheres ainda precisam enfrentar um obstáculo imposto pela sociedade: o assédio. Mesmo que a luta do #DeixaElaTrabalhar tenha sido travada em 2018, casos de preconceito, discriminação e violência de gênero seguem acontecendo. Este trabalho faz um estudo de caso sobre os episódios passados por Bruna Dealtry, que foi o estopim para a deflagração da campanha, e Jéssica Dias, que aconteceu quatro anos depois. Desde o lançamento do manifesto, outras mulheres jornalistas denunciaram agressões, assédio ou importunação sexual no esporte. A pesquisa concluiu que mesmo que a forma como o assédio é tratado tenha passado por mudanças ao longo do tempo, com denúncia, leis e espaço de fala, os episódios seguem acontecendo. Embora as mulheres tenham conquistado espaço no jornalismo esportivo, elas ainda não estão asseguradas de exercer uma profissão livre no esporte.

Palavras-chave: jornalismo esportivo; mulheres jornalistas; assédio, #DeixaElaTrabalhar, futebol

ABSTRACT

This research analyses the impacts of the #DeixaElaTrabalhar, regarding the harassment women journalists from the sports go through, five years after the campaign. Not only did the female presence come after the male one in sports coverage, but women also still have to face a bigger challenge imposed by society: harassment. Even though the fight for #DeixaElaTrabalhar has taken place in 2018, episodes of prejudice, discrimination and gender-based violence still occur. This thesis presents a case study of the episodes that happened to Bruna Dealtry, which initially triggered the campaign, and to Jéssica Dias, which happened four years later. Since the manifesto's release, other women journalists have reported assault, harassment, or sexual harassment in sports. The research concluded that even though the way harassment is dealt with has undergone changes over time, through reporting, new laws, and space for women to speak, incidents continue to occur. Although women have gained space in sports journalism, they are not yet assured of exercising their profession freely in sports.

Key words: sports journalism; women journalists; harassment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL.....	13
3 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	18
4 ASSÉDIO ÀS JORNALISTAS ESPORTIVAS.....	24
5 PERCURSO METODOLÓGICO.....	36
5.1 A campanha # Deixa.....	36
5.2 Metodologia.....	37
6 OS CASOS DE ASSÉDIO.....	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do futebol no Brasil, o esporte era visto como um local para homens. Mulheres ocupavam papéis de mães, donas de casa e não tinham espaço no mercado de trabalho e muito menos nesse esporte. Assim, foi se criando e perpetuando uma ideia machista de que futebol não era para mulheres. E essa ideia virou lei e proibiu mulheres de praticar futebol e outros esportes até a década de 40.

Várias lutas feministas fizeram com que as mulheres conquistassem direitos que os homens já tinham. Desde que adquiriram o direito ao voto, elas brigaram cada vez mais para se tornarem independentes financeiramente e para entrarem no mercado de trabalho.

No jornalismo esportivo não foi diferente. Para falar sobre o ambiente do esporte para mulheres jornalistas, podemos imaginar a grade que fica entre o campo de futebol e a arquibancada. Da grade, vemos o acesso, que fica bem ao nosso lado, mas por ele só homens podem entrar. As mulheres estão nas cadeiras, e no campo está o jornalismo esportivo.

Para chegarem até lá, uma série de coisas têm que dar certo na trajetória feminina profissional, e isso inclui boa vontade dos chefes para contratarem uma mulher. Além disso, elas não podem cometer erros, devem aguentar assédios, preconceitos e desrespeito, e ter muito mais competência que um homem. A cada passo que elas escalam na grade, a qualquer momento pode vir um colega e puxar o seu apoio, fazendo com que tenham que começar do início.

Várias desistem na metade da subida, outras olham a grade, veem os colegas homens entrando pelo acesso e dão as costas, porque entendem que não vale o esforço. Algumas conseguem chegar até o outro lado, mas logo percebem que a luta não termina por ali.

No início do jornalismo esportivo no Brasil, poucas mulheres se arriscaram a ultrapassar — e poucas conseguiram até pelo menos a década de 70. Muitas das jornalistas que conquistaram o espaço no campo desistiram, como foi o caso das jornalistas da Rádio Mulher, que depois de anos participando da cobertura esportiva, ouviram que a equipe feminina estava precisando de um homem.

Quanto mais mulheres conseguiam vencer a escalada e ultrapassar a grade, a subida se tornava mais fácil para as que viriam depois. Quando uma quantidade considerável de mulheres já estava no campo, elas perceberam o quanto o

jornalismo esportivo seria muito mais difícil para elas, não só para participar, mas para se manter nele.

Elas tiveram que enfrentar preconceito, lutar mais que um homem para conquistar vagas, aguentar assédio moral e sexual, para que hoje muitas outras possam ocupar espaços em coberturas esportivas. E assim, a cada ano, mais mulheres ajudam a quebrar barreiras no esporte.

E, se até alguns anos atrás o futebol não era considerado coisa de mulher, hoje elas ocupam as arquibancadas, o campo, os bancos de reserva, a equipe de arbitragem, os clubes e a sala de imprensa. Nas coberturas esportivas, elas têm mostrado competência não pela beleza, nem pela roupa, mas sim pelo seu conhecimento: e assim vimos surgir a primeira repórter de campo, a primeira apresentadora, a primeira comentarista, a primeira narradora esportiva, entre outras tantas que conquistaram lugares no jornalismo esportivo.

E mesmo que cada vez mais as mulheres estejam vencendo o preconceito de gênero, elas ainda precisam driblar mais uma barreira: a do assédio. O machismo, que desde o início faz parte do futebol, fez com que as coberturas esportivas fossem locais de assédio moral e sexual a jornalistas e repórteres mulheres.

Repórter do Esporte Interativo, Bruna Dealtry foi beijada por um torcedor do Vasco enquanto fazia uma transmissão ao vivo. Indignada com a situação, contou sobre o episódio nas redes sociais. Cansadas de tantos ataques, em 2018, as mulheres jornalistas se juntaram em um grupo para lançar o #DeixaElaTrabalhar¹, um manifesto para denunciar o assédio moral e sexual no ambiente esportivo. A campanha foi lançada em 25 de março de 2018, depois de Bruna Dealtry ter sido beijada ao vivo e de uma outra repórter ter sido agredida por um homem durante uma cobertura esportiva.

E, se há espaço para denúncia, é sinal de que o assédio realmente acontece. Depois do movimento, outras mulheres relataram publicamente situações de preconceito, violência ou assédio no ambiente esportivo. Houve muitos casos denunciados, sendo que um deles foi em setembro de 2022, quando a repórter Jéssica Dias foi beijada por um torcedor enquanto fazia uma entrada ao vivo.

Considerando que se passaram quatro anos e seis meses desde o início do #DeixaElaTrabalhar, casos de assédio seguiram acontecendo mesmo depois da luta por parte das jornalistas. Se as mulheres estão ocupando vagas no jornalismo

¹ Página oficial da campanha no Instagram: <https://www.instagram.com/deixaelatrabalhar/>

esportivo, é importante se questionar que ambiente é esse e se ele é seguro para elas estarem.

Todos os veículos de comunicação, clubes e a população em geral apoiaram o movimento, mas os casos de assédio seguiram acontecendo. Sendo assim, a problematização desta pesquisa é: O que mudou em relação à violência contra a mulher jornalista esportiva em quase cinco anos após o movimento #DeixaElaTrabalhar?

Para responder a esta pesquisa, é importante falar sobre o que mudou de lá para cá, apontando repercussões e dialogando com as envolvidas. Existem questões ainda sem respostas, mas que propõem novos questionamentos. Diante do exposto, o objetivo principal deste estudo é entender como o movimento #DeixaElaTrabalhar incentivou a exposição de casos de violência contra as jornalistas esportivas e quais as mudanças que provocou na cobertura esportiva para as mulheres.

Os objetivos específicos são:

1. Identificar os casos de violência contra as mulheres jornalistas em coberturas esportivas de futebol a partir do #DeixaElaTrabalhar;
2. Analisar o que mudou em relação ao caso de Bruna Dealtry e de Jéssica Dias, ocorrido em 2022;
3. Entender se o movimento influenciou para diminuir o assédio contra mulheres jornalistas no esporte.

A atuação de mulheres no jornalismo esportivo já foi analisada em outras pesquisas, mas poucas trouxeram luz ao #DeixaElaTrabalhar e aos casos de assédio que foram denunciados depois do movimento. Uma busca no Banco de Teses e dissertações da Capes, Lume UFRGS, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Repositório PUC-RS, nos anos de 2018 até 2022, pelas palavras-chave: jornalismo esportivo, mulheres no esporte, mulheres jornalistas, futebol e assédio foi importante para jogar luzes sobre o tema.

Foram encontrados sete trabalhos, entre teses e dissertações, com análises sobre jornalismo esportivo com focos diferentes, em que falam principalmente sobre a ocupação de mulheres na imprensa esportiva e a representação feminina em veículos de comunicação. Além disso, fora dos bancos de dados consultados, os trabalhos e pesquisas a respeito do #DeixaElaTrabalhar datam dos primeiros anos seguintes em que foi deflagrado, ou seja, existem poucas análises do movimento

tempos depois de ser lançado. Percebeu-se que o assédio contra as mulheres jornalistas foi um tema pouco explorado na área do Jornalismo Esportivo nos últimos anos. Foi encontrada uma monografia de 2020 da autora Janaina Graciela Moro, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul que aborda o cenário do assédio sexual sofrido por mulheres jornalistas na atualidade, sem colocar o foco no esporte. O estudo discute como a discriminação de gênero e o assédio de manifestam e contribuem para as desigualdades. A partir desta pesquisa, também justificou-se o estudo da temática e a sua relevância para o meio acadêmico.

Além das justificativas acadêmicas, o tema me desperta muito interesse. Trabalhar com esporte é uma vontade e um sonho desde que ingressei na faculdade. A emoção da profissão me encanta e decidi falar sobre o espaço para jornalistas esportivas na minha pesquisa porque isso afeta também o meu trabalho. Não é de hoje que mulheres jornalistas sofrem com o machismo, com importunação sexual, com assédio, e no futebol isso tem se evidenciado.

Acompanho o #DeixaElaTrabalhar desde a sua criação em 2018, e desde lá venho entendendo o quanto as mulheres são discriminadas e sofrem preconceitos e violências no local de trabalho. Admiro muito as profissionais que iniciaram o movimento e, quando vi a repercussão do caso da repórter Jéssica Dias, me questionei se o #DeixaElaTrabalhar teve efeito e, se teve, o que realmente mudou no trabalho das profissionais, principalmente nos estádios.

A partir desse momento, a ideia do tema despertou meu interesse. Se houve todo um movimento de respeito às jornalistas esportivas, em que vários veículos de comunicação noticiaram, os impactos do #DeixaElaTrabalhar seguem vivos? Para que caminho estamos seguindo se a violência contra às mulheres jornalistas segue acontecendo, sobretudo no futebol? Está claro que falar sobre as mulheres no jornalismo esportivo transcende as linhas do campo. O futebol vai muito além dos 90 minutos de bola rolando, e a área já entendeu isso. Se o jogo é um espetáculo que pauta a vida de milhares de pessoas no Brasil, é importante falar sobre a inclusão, respeito e igualdade para as mulheres que trabalham com ele.

Para dar andamento à pesquisa, que terá caráter exploratório, a metodologia escolhida foi o estudo de caso. Foram realizadas duas entrevistas com as repórteres que foram vítimas de assédio em períodos distintos: Bruna Dealtry, que foi beijada

durante uma entrada ao vivo em março de 2018, e Jéssica Dias, também beijada ao vivo em uma transmissão em setembro de 2022.

Os períodos se justificam em razão da deflagração do #DeixaElaTrabalhar. O caso de Bruna Dealtry foi o estopim para que o movimento fosse deflagrado e o de Jéssica foi o último a acontecer, cerca de quatro anos e meio depois. É importante falar que, embora o episódio que aconteceu com Jéssica Dias tenha sido considerado importunação sexual, em razão da Lei nº 13.718/2018, este trabalho falará sobre assédio, já que é a forma como o senso comum considera estes casos.

Para falar sobre a participação das mulheres no jornalismo esportivo e entrar no tema assédio, é importante explicar como surgiu a profissão, tema que é tratado no primeiro capítulo. Alcoba López (2005) considera que o esporte se tornou um fenômeno de massas e que o jornalismo foi se adaptando às práticas com o tempo. O jornalismo esportivo cresceu com a popularização do futebol, mas Ribeiro (2007) explica que no início, os jornalistas esportivos cobriam outras editorias além do esporte. Desde o surgimento do futebol, durante sua profissionalização, até o momento em que grandes nomes da imprensa esportiva já estavam consolidados no Brasil, ainda não haviam registros de que mulheres faziam parte das equipes de cobertura.

Conforme Coelho (2006), até pelo menos o início dos anos 1970 era impossível ver mulheres no esporte. E é a partir desse momento que o público feminino começa a ingressar nas coberturas esportivas, em meio ao preconceito, ao machismo e precisando lidar com diversas adversidades pelo seu gênero. É importante entender como era o ambiente esportivo em que as mulheres estavam começando a participar para analisar se o que acontecia naquela época ainda reflete nos dias de hoje. Além disso, o ingresso delas na cobertura esportiva, as perspectivas como profissionais e os relatos de algumas das pioneiras em diversas funções do jornalismo esportivo podem explicar situações que ainda acontecem hoje em dia. Esse assunto é tema para o terceiro capítulo da pesquisa.

Uma pesquisa da Abraji aponta que mulheres que atuam nas redações de todo o Brasil precisam lidar com atitudes machistas de colegas, superiores e fontes (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017). No jornalismo esportivo, além das mulheres precisarem conquistar espaços na

profissão, elas tiveram que lidar com o assédio. Depois do #DeixaElaTrabalhar, várias repórteres esportivas denunciaram casos de assédio, agressão, importunação sexual nas redes sociais. Por isso, o capítulo quatro aborda justamente essa violência a que as jornalistas esportivas foram submetidas.

O espaço das mulheres na sociedade ao longo do tempo reflete também o lugar delas no jornalismo esportivo. Este estudo faz um esforço para trazer as fases da presença da mulher no jornalismo esportivo brasileiro contribuindo com as iniciativas que acrescentam luzes sobre os dias atuais. É importante entender as barreiras já superadas pelas profissionais para compreender como ultrapassar os obstáculos que elas ainda enfrentam nas coberturas esportivas, sobretudo no futebol. Além disso, deve-se considerar os motivos para que hoje se tenha muito mais mulheres trabalhando com esporte do que há anos. Onde evoluímos? Neste caso é essencial olhar para trás, para pensar à frente.

2 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

As notícias esportivas foram ganhando forma à medida que o esporte começou a atrair a população em massa no mundo e foram realizadas as primeiras competições. Alcoba López (2005) explica que há registros, já na antiguidade, da prática de esportes por sumérios, egípcios, gregos, romanos, chineses, indianos, japoneses, persas, turcos, maias, aztecas, incas e outros povos que deixaram em imagens as atividades esportivas da época.

Conforme Alcoba López (2005), os primeiros registros da notícia esportiva surgiram com os comentários de quem presenciou uma luta entre o cozinheiro Lord Smith com o padeiro Duque de Brigde. Eles fizeram uma luta para desempatar outras duas que haviam participado e o evento gerou muitos comentários.

Este tipo de comentario, inusuales en la información de la época, tuvieron aceptación por tratarse de asuntos curiosos, y fueron el germen de lo que con el tiempo se iba a convertir en la comunicación periodística que mayor audiencia consigue. (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p.38).

Com o tempo as notas foram sendo ampliadas para artigos com descrição dos esportes que eram mais praticados. Alcoba López (2005) diz que em 1828 a informação esportiva aparece em uma revista dedicada ao esporte, *Journal des Haras*, em Paris, e em 1852, na Inglaterra, surge o *Sportman*, o primeiro diário esportivo. O eixo que elevou o jornalismo esportivo para além de notas e pequenos espaços na imprensa foi quando o proprietário do *The New York Journal* incluiu informação esportiva em 1895. O jornal foi pioneiro e começou a falar sobre corridas de cavalo e, com o sucesso, começou a falar também de outros esportes.

Con ello consiguió superar en tirada a todos los periódicos de la Unión, obligando a que sus rivales se decidieron a dar el espacio que exigía la información deportiva. Como consecuencia de esa decisión, los diarios norteamericanos pronto reservaron un espacio diario exclusivo para la información deportiva, si bien aparecía en las páginas interiores. (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p.39).

Em setembro de 1926, o *The New York Times* dedicou a primeira página do jornal para falar sobre o boxeador Gene Tunney, que venceu Jack Dempsey na Filadélfia (ALCOBA LÓPEZ, 2005).

Em 1906, foi inaugurada a radiodifusão no mundo. Os primeiros passos da radiodifusão esportiva tiveram alguns obstáculos, como um impasse na transmissão pelos organizadores das competições. Eles achavam que, se as rádios

transmitissem as competições, o público deixaria de ir até os estádios para assistir aos jogos. “El acuerdo entre organizadores y emisoras de pagar un canon por las transmisiones permitió la entrada en los recintos deportivos de los micrófonos” (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p.40).

Mesmo que o jornalismo tenha começado a ser reconhecido com o tempo, qualquer pessoa da sociedade poderia escrever artigos, notas e comentários. E com o jornalismo esportivo não foi diferente. À medida que o esporte foi ganhando maior importância, o jornalismo esportivo se tornou uma editoria específica, como política e economia. De acordo com Alcoba López (2005), como os editores não entendiam muito de esporte, chamaram os próprios atletas e técnicos que não estavam mais atuando para ajudar.

Estos improvisados deportistas posiblemente se verían abocados a recibir una ayuda que les permitiese exponer sus conocimientos de forma inteligible y se limitarían al principio a relatar a escritores o redactores sus opiniones, para que pudiesen publicarse con arreglo a las normas más básicas del periodismo, y poder llegar a los lectores con una carga de sensacionalismo que provocase comentarios y la necesidad de obtener más información de la actividad deportiva. (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p.50).

Ao final do século XIX e início do século XX, Alcoba López (2005) explica que alguns jornalistas decidiram migrar de gêneros muito competitivos dentro do jornalismo para se dedicar ao jornalismo esportivo. Essas pessoas viram o interesse do público no esporte e começaram a trabalhar nesta área mesmo que o jornalismo esportivo fosse visto como vulgar e que não tivesse tanto prestígio social como as editorias de política e economia, por exemplo. “Con el paso del tiempo se comprenderá cuán equivocados estuvieron quienes de esa forma pensaban y despreciaban al periodismo deportivo” (ALCOBA LÓPEZ, 2005, p. 50).

No Brasil, o jornalismo esportivo foi ganhando popularidade à medida que o futebol se popularizou. Conforme Bahia (2009), o primeiro registro do jornalismo esportivo no Brasil vem de O Atleta, em 1856, e O Sport e O Sportman, em 1886. Alguns anos depois, já no início do século XX, surgiram as primeiras publicações, que são voltadas exclusivamente para o turfe.

Um dos incentivadores do futebol é Charles Miller, que desembarca no Brasil em 1894, conforme Ribeiro (2007). Ele organizou o primeiro jogo de futebol oficial com as regras do jogo na Inglaterra. A partida foi entre São Paulo Railway Team x

Gas Work Team, e, seis anos após a chegada de Miller à cidade, já havia cinco equipes organizadas em São Paulo.

O interesse pelo futebol começou a partir de pessoas que rodeavam Charles Miller e que faziam parte da elite da época, como Mário Cardim, um jovem de 18 anos que trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo*. Conforme Ribeiro (2007, p. 20), “Como eram poucas as equipes “oficiais”, logo se formou uma “panelinha”, que passou a sonhar com um campeonato organizado”.

Este grupo fazia parte da elite e gostaria que o futebol não fosse das classes mais pobres. Eles decidiram criar a Liga do Futebol Paulista, já que tinham as regras, locais para fazerem as competições e eram os fabricantes das bolas. Assim, em 18 de outubro de 1901, foi realizado o primeiro jogo interestadual, entre uma equipe de São Paulo e outra do Rio de Janeiro. Cardim escreveu sobre o jogo nas páginas do *Estado de S. Paulo* e, de acordo com Ribeiro (2007), em alguns dias, jornais do Rio de Janeiro como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* também falaram sobre o jogo.

Porém, essa história lançou luz a um problema do recente e iniciante jornalismo esportivo, que não tinha pessoas especializadas e as redações não estavam preparadas para falar sobre esporte.

Quem escrevia nas redações era chamado de “noticiarista”, que recebia informações externas e as transformava em notícias. [...] A informação, quando divulgada, tinha de ser feita de maneira objetiva, sem detalhes; bastava dizer qual o jogo, local e resultado, até porque os jornais desse período eram muito “pequenos”, com quatro ou cinco páginas no máximo. (RIBEIRO, 2007, p.25).

No início do século XX, conforme Ribeiro (2007), os jornais que dedicavam espaços para o esporte falavam sobre os benefícios e prejuízos dos jogos, os trajes e vestimentas dos que assistiam às partidas. Além disso, ficava nítida a discriminação racista e classista no futebol, o que não era diferente nas crônicas esportivas.

Mesmo que tenha crescido consideravelmente o futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, os jornalistas esportivos da época cobriam outras editorias além do esporte e pouco sabiam sobre o iniciante futebol. “[...] jornalista esportivo não saía da redação, não ia aos treinos, ninguém entrevistava ninguém.” (Ribeiro, 2007, p.29).

Coelho (2006) diz que na década de 1910 há registros de divulgação esportiva em São Paulo no jornal *Fanfulla*, que tinha algumas páginas dedicadas ao esporte. Na época, ainda que o esporte recebesse mínimos espaços nas edições dos jornais, O *Fanfulla* tinha relatos de uma página inteira, com todos os jogos do Palestra Itália, clube que se tornaria o Palmeiras décadas depois.

A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado - e isso se verifica também nas de hoje em dia - havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. (COELHO, 2006, p. 9).

Naquela época, predominava o futebol amador e de elite: o profissionalismo chegaria apenas na década de 30 e os mais ricos não estavam interessados em abrir espaço aos mais pobres no esporte. Conforme Coelho (2006) os jogos da seleção brasileira, que disputou seu primeiro jogo em 1914, fez com que mais pessoas gostassem do futebol.

Por parte da imprensa esportiva, as crônicas eram tendenciosas e favoreciam as equipes que os jornais apoiavam. Ribeiro (2007) explica que a *Fanfulla* divulgava tudo o que acontecia de bom com o *Palestra Itália*, clube dos italianos. E o *Estado de S. Paulo* falava sobre o Paulistano, clube da elite cafeeira, mesmo quando esses perdiam a disputa em campo.

E a imparcialidade foi se transformando aos poucos em paixão. A imprensa esportiva cresceu consideravelmente até a década de 30. Na época, uma pesquisa apontou que, de cinco jornais, a imprensa esportiva passou a contar com 58 (RIBEIRO, 2007). Foi assim que surgiu o *Jornal dos Sports*, em 1931, e o seu principal nome era Mário Filho, considerado o melhor cronista esportivo do país.

Nessa época, foi instaurado o profissionalismo no futebol, mas não foram tempos de áurea para o esporte. “A instauração do profissionalismo criou uma cisão tanto no futebol do Rio quanto no de São Paulo. Em 1935 e 1936 houve dois campeonatos simultâneos em São Paulo.” (COELHO, 2006, p.16).

O rádio esportivo ajudou a alavancar o futebol e fez com que o esporte atingisse uma grande massa. Soares (1994) diz que a primeira narração detalhada de uma partida foi em 1931, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista. “Predominavam a improvisação e o amadorismo” (SOARES, 1994, p.17).

Stycer (2007) diz que a partir da década de 1940 e ao longo dos anos 1950 e 60, *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* se tornam referência em termos de

jornalismo esportivo e que nesta fase os jornais passam a incorporar o modelo consagrado nos Estados Unidos.

Uma inovação que começou no dia 18 de setembro de 1950 mudaria o curso do jornalismo esportivo e se tornaria um dos maiores fenômenos da área: a televisão. Nessa data, a TV Tupi de São Paulo entrava no ar. Conforme Ribeiro (2007), seu proprietário era Assis Chateaubriand, presidente dos Diários Associados, que comandava 34 jornais, 36 emissoras de rádio, uma agência de notícias, a revista *O Cruzeiro*, dez revistas infantis e uma editora. “Desde o primeiro dia que a televisão entrou no ar, o esporte teve espaço privilegiado.” (2007, p. 135).

Alberto Léo (2017) explica que antes mesmo de completar um mês no ar, houve um evento esportivo ao vivo na televisão. Foi a partida entre Palmeiras e São Paulo no estádio Pacaembu. Foi a partir deste momento, que o esporte começou a crescer e decolou, como disse Ribeiro (2007).

Apesar do fracasso da seleção na Copa do Mundo de 1950, o torcedor das arquibancadas parecia cada vez mais seduzido pelo futebol. Grande parte dessa paixão desenfreada poderia ser creditada à mídia esportiva, que crescia em ritmo acelerado. O fenômeno televisão era apenas mais uma ferramenta para atrair mais e mais torcedores para as discussões em torno do futebol. (RIBEIRO, 2007, p. 137).

E é a partir da década de 1960 que, Stycer (2007) explica, o espaço dedicado à cobertura esportiva aumentou, e que o esporte conquistou cadernos próprios em alguns jornais, representando uma certa autonomia. “A editoria de esportes de um grande jornal chega a contar com 20 profissionais, entre repórteres, redatores, assistentes de edição e editor.” (STYCER, 2007, p. 6).

Pelo menos até a década de 1950, toda a história do futebol foi construída a partir de nomes masculinos. As mulheres não estavam inseridas e pouquíssimos nomes tinham realmente trabalhado com futebol. Coelho (2006) diz que era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 1970 e que eram raras as figuras femininas que apareciam nas redações esportivas. Ou seja, o jornalismo esportivo já estava nos jornais, no rádio e na televisão quando as mulheres começaram a fazer parte dele, e este assunto será tratado no capítulo seguinte.

3 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

Mãe, mulher e dona de casa. A função das mulheres até metade do século XX era restrita ao ambiente doméstico. Sem muitas opções profissionais, restava estarem dominadas financeiramente e socialmente pelos homens. Uma comprovação da falta de direitos das mulheres é o voto, que foi autorizado para o sexo feminino em 1932 (MARQUES, 2019).

As mulheres enfrentaram muitos obstáculos para conquistar espaços, direitos e oportunidades. Poucas tinham acesso à educação, política, economia ou esporte, o que as deixava distantes do conhecimento e da vida pública.

Righi (2006) explica que até os anos 1950, as distinções entre homens e mulheres era muito nítida no Brasil, já que o progresso feminino tinha limites difíceis de serem ultrapassados:

Profissões conceituadas como engenharia, medicina, direito ou jornalismo, ainda eram territórios exclusivos dos homens. As mulheres conseguiam ofertas de trabalhos apenas em profissões consideradas extensões femininas, como professora, telefonista, enfermeira, secretária, entre outras. Quando conseguiam ultrapassar a barreira e obter formação profissional, ainda enfrentavam o desafio de tentar firmar-se na profissão. (RIGHI, 2006, p. 27).

No jornalismo esportivo não foi diferente. Para situar a história das mulheres nessa editoria, é importante falar sobre a relação delas com o esporte. Em 14 de abril de 1941, o presidente Getúlio Vargas baixou o Decreto-Lei 3.199, que, em seu artigo 54 proibia as mulheres de praticar esportes que não fossem "adequados a sua natureza" (BRASIL, 1941). Com a proibição, as mulheres ficaram afastadas de esportes que eram consideradas violentos e ideais somente para os homens até o ano de 1979, quase 40 anos depois.

Dantas (2015) explica que, na época, muitas atletas perderam o direito de competir, já que a lei proibiu a prática dos esportes. "Isso amputou a participação crescente delas nas décadas de 1940 e 1950, o que fez escassear investimentos de apoio às atletas, inclusive nas décadas de 1960 e 1970, por parte de clubes e instituições esportivas." (DANTAS, 2015, p.36).

E se na própria prática esportiva as mulheres demoraram a ingressar, quando se fala sobre a história do jornalismo esportivo essa participação também foi tardia. Até pelo menos a década de 1970, as mulheres que estavam nas redações eram pautadas a falar sobre moda, culinária, consumo e fotonovela, enquanto assuntos

como esporte eram os homens que cobriam. Segundo Bolzan, Marques e Oliveira (2013) o crescimento da mulher nas redações aconteceu a partir da década de 1970, e nos anos 80 e 90, elas migraram para novas editorias, entre elas o jornalismo esportivo.

Antes mesmo do espaço para as mulheres começarem a abrir na imprensa esportiva, Maria Helena Rangel já trabalhava na área. Conforme Ramos (2010) ela era uma das poucas e era considerada uma pioneira do jornalismo esportivo feminino, já que seu registro profissional data de 1º de janeiro de 1948. Ela era atleta em arremesso de disco e foi convidada para participar da Gazeta Esportiva em 1947. A partir dali, fez viagens como jornalista para cobrir voleibol e basquete, que na época era chamado de bola ao cesto. Exerceu a profissão de jornalista até 1953, quando foi morar no interior com seu namorado.

Além dela, Mary Zilda Grassia Sereno foi uma das primeiras jornalistas fotógrafas de São Paulo. Ela fotografou a comemoração de uma freira italiana eufórica com a vitória da Itália na Copa do Mundo e essa foi sua primeira tentativa de publicar em um jornal. O *Globo* divulgou a foto, mas ela não foi contratada por ser mulher. Mais tarde ela trabalhou no jornal *Hoje*, no *Dia*, no *Tempo*, na *Gazeta Esportiva*, na *Hora* e na *Época*. Fotografou de tudo no jornalismo, mas o que gostava mesmo era de futebol (RAMOS, 2010).

Mary Zilda Grassia Sereno entrava no vestiário dos jogadores para fazer as fotos, e esse ato era visto como valentia na época, já que nos estádios era praticamente incomum encontrar mulheres. É o que explica Ramos (2010, p. 265): “Muitas vezes, quando entrava no gramado, a massa ululava: eram assobios que não paravam mais! Imaginem só: jogadores, técnicos, treinadores, massagistas, fotógrafos e... E Mary.”

No radiojornalismo esportivo, a *Rádio Mulher* foi a primeira rádio a colocar mulheres em transmissões esportivas no ano de 1971. E não uma nem duas, mas uma equipe inteira.

A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos - que também era juíza -; na reportagem, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral; no plantão, na sede da rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida. (RIBEIRO, 2007, p. 221).

Ribeiro (2007) explica que a proposta era inovadora, mas o preconceito pelos próprios colegas homens da imprensa era explícito. A equipe se manteve durante cinco anos, mas elas foram desmotivadas pelo preconceito. Embora os colegas de imprensa apoiassem a ideia inovadora, ficavam aguardando possíveis erros nas transmissões e reclamavam de ter que dividir o espaço nos jogos com mulheres. “A maioria simplesmente desistiu da profissão, porque depois de cinco anos a Rádio Mulher achou que estavam faltando homens na equipe” (RIBEIRO, 2007, p.221).

Regiane Ritter, atriz e radialista, foi contratada em 1980 pela Rádio Gazeta e três anos depois, começou a fazer crônicas esportivas. No ano de 1991, foi escolhida a melhor jornalista do ano pelo jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Foi a primeira mulher² a ocupar a função de repórter de campo no Brasil e participou da cobertura esportiva da Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos.

Quando eu comecei, era um negócio feio. Era o mundo do bolinha e a luluzinha não entra, menina não entra. Aí eu falei: quem disse que não entra eu vou entrar”. Vim da roça, sou xucra, e juro que não pensei que a repercussão seria tão grande. É muito bom, é gratificante. Não é a fama, é a importância de ter feito o que fez profissionalmente. (RITTER [entrevista cedida a] ROZEMBERG, s.d., documento eletrônico).

Renata Falzoni também foi uma das pioneiras do jornalismo esportivo e ingressou na área em 1984 na Folha de S. Paulo a convite de José Trajano (VASCONCELOS e RUBBO, 2009). Ela revelou que passou por situações difíceis pelo pioneirismo e que foi contratada para ser fotógrafa dos bastidores do basquete e do vôlei femininos. Em entrevista a Vasconcelos e Rubbo (2009), ela contou que só entrou no veículo por ser mulher, já que eles procuravam alguém para entrar nos vestiários das atletas.

O desabafo da jornalista reflete o quão difícil foi o início para as mulheres. Valores e opiniões à parte, ela reconhece sua ousadia e admite que precisou de “ares de homem” e “cara de pau” para executar a tarefa. O fato ilustra claramente o sexismo nas redações em meados de 1980. (VASCONCELOS; RUBBO, 2009, p.5).

Renata disse na entrevista que não existe mais tanto preconceito como antigamente, mas que a profissão ainda é machista, já que muitas vezes se exige mais beleza do que preparo profissional das mulheres.

² <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>

Outra mulher que pode ser considerada uma das pioneiras foi Isabel Tanese, que comandou o caderno de esportes do Estado de S. Paulo por quase três anos. Conforme Coelho (2006) isso aconteceu um pouco antes da Copa do Mundo de 1998 e ela ficou no comando até março de 2001, quando pediu demissão.

De acordo com o site *Memória Globo*³, Monika Leitão foi uma das primeiras mulheres a participar da cobertura esportiva da TV Globo. Ela começou na emissora nos anos 1970 fazendo reportagens para o Globo Esporte (MONIKA..., 2007).

Depois dessas, muitos outros nomes femininos foram destaque no jornalismo esportivo, como Glenda Kozlowski, Isabela Scalabrini, Mylena Ciribelli, Anna Zimmermann, Renata Fan, entre outras. Essas mulheres foram abrindo caminhos para que viessem tantas outras e, mesmo que décadas tenham se passado desde que a primeira mulher entrou no jornalismo esportivo, desigualdades de gênero ainda são encontradas nas redações, como explica Righi:

A presença feminina tornou-se visível em todos os meios de comunicação, mas elas ainda representam uma minoria em algumas áreas que continuam sendo dominadas pelos homens, como o jornalismo esportivo. E, muitas vezes, quando presentes em editoriais ou programas esportivos, exercem funções apenas representativas. (RIGHI, 2006, p. 28).

O espaço para mulheres dependia da função e da emissora. Algumas emissoras já tinham estreado mulheres na equipe, mas nenhuma que exercesse função em transmissão esportiva. Um exemplo de que as barreiras para as mulheres foram derrubadas aos poucos é de que elas seguem estreando em coberturas, em transmissões como “a primeira mulher a ocupar os espaços”. E essa estreia mostra que não havia espaço para elas anteriormente.

Conforme Dantas (2015), se antes o público feminino estava na televisão apenas para ler comentários, e não propriamente participar de debates esportivos, hoje em dia as mulheres jornalistas têm se destacado no jornalismo esportivo em razão do seu conhecimento no assunto, adquirido com a experiência na cobertura de eventos esportivos.

Em 2019, Ana Thaís Matos se tornou a primeira mulher⁴ a comentar um jogo do Brasileirão masculino, no jogo entre Santos e Athletico Paranaense. Em novembro de 2022, se tornou a primeira mulher a comentar um jogo da Seleção Brasileira masculina em Copas do Mundo, no jogo do Brasil contra a Sérvia. Hoje,

³<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/monika-leitao/noticia/monika-leitao.ghtml>

⁴<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/quem-e-ana-thais-matos-primeira-mulher-a-comentar-jogos-da-selecao-masculina-em-copas.html>

ela é uma jornalista de destaque dentro da TV Globo e participou da cobertura da Copa do Mundo do Qatar.

Na narração esportiva, Renata Silveira foi a primeira mulher⁵ na história da TV Globo a comandar as transmissões de futebol (GLOBO..., 2020). A contratação dela foi no ano de 2020. Em 2022, se tornou a primeira⁶ mulher a narrar uma partida de Copa do Mundo na TV aberta no Brasil (RENATA..., 2022).

Com 30 anos de carreira no esporte, Luciana Mariano foi a primeira narradora⁷ de futebol na televisão do Brasil (POLO, 2022). Ela foi contratada pela ESPN em 2018 e renovou contrato com o Grupo Disney. Também em 2018, o Esporte Interativo confirmou Viviane Falconi como primeira mulher⁸ narradora de uma semifinal da Champions League (NINA, 2018).

Costa (2019) diz que muita luta e empenho por justiça profissional fizeram com que as mulheres conquistassem parcialmente seu espaço no jornalismo esportivo. “Porém, até hoje as mulheres não desempenham um papel de igualdade em relação aos homens”. Para Costa (2019), a posição da mulher ainda é questionada, como se o gênero definisse qualidade ou domínio de um tema.

É importante destacar como o espaço das mulheres no jornalismo esportivo é limitado, pois o padrão feminino e o uso de mulheres como ornamento em uma redação ou apresentação de programas esportivos ainda é muito comum, mesmo que menor em relação às décadas passadas (COSTA, 2019, p.3).

Costa (2019), reitera que homens e mulheres podem ter opiniões diferentes ou iguais sobre futebol, mas que isso nada tem a ver com o sexo.

Um exemplo da ideia preconcebida a respeito disso é o homem quando comete um erro ao comentar de um atleta, time ou competição e é considerado como um ato falho ou apenas um desentendimento sobre o tema. Já a mulher quando comete o mesmo erro é dito que ela não entende sobre assunto pelo simples fato de ser mulher. (COSTA, 2019, p.6).

Muitas profissionais do esporte conquistaram espaço nas redações, nas chefias e editorias. Uma pesquisa liderada pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com a Associação

⁵<https://ge.globo.com/futebol/noticia/globo-contrata-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da-emissora.ghtml>

⁶<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/11/renata-silveira-se-torna-primeira-mulher-a-narrar-jogo-de-copa-na-tv-aberta.shtml>

⁷<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/04/19/narradora-da-espn-entra-na-justica-contra-comentarios-de-odio-em-suas-redes.htm>

⁸<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/06/13/esporte-interativo-confirma-vivi-falconi-como-primeira-narradora-contratada/>

Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo apontou que, em 2021, as mulheres ocupavam 58% das redações. Porém, a equidade de gênero no jornalismo esportivo ainda está distante de ser atingida.

Dados divulgados pela APEX Conteúdo Estratégico (2018) no *Perfil do jornalista brasileiro 2018*, indicam que, no país do futebol, a editoria especializada com o maior número de jornalistas (8,3%) é a esportiva, com a maior parte dos profissionais residentes na região Sudeste. Porém, mesmo sendo a área especializada mais ocupada dentro do jornalismo, a porcentagem de homens nessas editorias é 82,4%, enquanto as mulheres estão nas editorias de economia e variedades.

E mesmo que a participação feminina tenha registrado um aumento nas últimas décadas, ainda tem muito espaço a ser conquistado. Conforme explica Ramires:

A distância entre mulheres e homens está em salários, acesso a empregos, formação profissional, promoção, reconhecimento, cargos de chefia etc. O teto de vidro que não permite a ascensão das mulheres – embora ninguém o veja, ele está sempre lá – ainda é mais impeditivo em funções e campos mantidos, década após década, como espaços de domínio masculino, ou, popularmente falando: coisa de homem. (RAMIRES, 2020, p. 507).

As mulheres jornalistas esportivas seguem lutando por direitos e principalmente, por respeito, assunto que será tratado no próximo capítulo.

4 ASSÉDIO ÀS JORNALISTAS ESPORTIVAS

Como foi visto nos capítulos anteriores, as mulheres estiveram distantes do jornalismo esportivo e do futebol até pelo menos a década de 1970, para que lentamente fossem rompendo barreiras para conseguir se inserir neste mercado de trabalho. A partir dessa época, a luta das mulheres no jornalismo esportivo começou e segue até hoje, em que ainda precisam pedir por espaço, respeito e igualdade. Pedroza (2017) explica que o preconceito é apenas o primeiro dos desafios que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho e que ele se acentua quando elas ingressam em um meio predominantemente masculino como o esporte.

Conforme Santos (2020), ainda na infância os homens são ensinados a rejeitarem características femininas e isso pode ser um ponto chave da ideia de superioridade que eles têm com as mulheres.

Quando elas de alguma maneira ameaçam essa supremacia estrutural, o homem pode agir de forma agressiva contra o sexo oposto. Isso acontece com as mulheres em todos os âmbitos sociais, e a profissional que entra no jornalismo esportivo afronta a dominação masculina duas vezes, ela está em dois territórios que, na visão de uma sociedade conservadora, não pertence a elas, o mercado de trabalho e o futebol. Isso as coloca na linha de frente dos assédios. (SANTOS, 2020, p.19).

De acordo com Costa (2019), a forma como o homem foi criado e inserido na sociedade pede que eles comprovem a virilidade a todo instante. “O assédio muitas vezes visto como natural aos olhos dos homens e até mesmo de algumas mulheres nada mais é do que a prova de uma masculinidade frágil e tóxica.” (COSTA, 2019, p. 7).

O preconceito contra mulheres jornalistas sempre foi uma barreira para elas no esporte. Regiani Ritter em entrevista ao UOL⁹ lembra que foi expulsa do vestiário após um jogo do São Paulo por um conselheiro do clube, que teria dito que ela deveria se retirar porque não eram permitidas mulheres no local. Ela já cobria jogos do clube há anos e nunca tinha sido expulsa. O presidente do Clube na época ficou sabendo e foi resolver a situação com o conselheiro. Ele reapareceu com uma caixa de vinhos na mão:

Você não acredita! Ele voltou com uma caixinha com três garrafas de vinho de São Roque, sabe aquelas de dois reais cada uma na época. E falou: "Eu queria muito que você aceitasse essa lembrancinha como prova do meu

⁹ <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>

arrependimento pela grosseria que eu fiz". Eu olhei para a mão dele e falei: Esse deve ser o preço das mulheres da sua família, as mulheres da minha família não têm preço. (RITTER [entrevista cedida a] ROZEMBERG, s.d, documento eletrônico).

Outra vez, Regiani contou de uma briga que teve com Milton Neves, quando ele repetiu o mesmo comentário que ela tinha feito três meses antes, quando o Brasil foi eliminado pela França na Copa do Mundo. Nas duas ocasiões, ela foi xingada e disseram que mulher não entendia nada de futebol (RITTER [entrevista cedida a] ROZEMBERG, s.d).

Dantas (2015) diz que a jornalista Manoela Penna dava notas aos jogadores depois dos jogos. Em um deles, um jogador que era craque do Fluminense nos anos 1990 foi mal avaliado. "E ele foi tomar satisfação, perguntou como eu tenho condição de avaliar o que ele fazia, sendo mulher se eu tinha condição de fazer isso. Eu não sei se fosse homem esse jogador teria coragem de colocar o dedo na cara" (PENNA [entrevista cedida a] DANTAS, 2015, p. 55).

Quando Soninha Francine entrou na ESPN Brasil em 1999, ela sofreu preconceito por parte dos colegas de profissão por ser mulher e por não ter uma carreira no esporte. Se ela falasse algo diferente de todo mundo, diziam que não entendia de futebol porque estava falando o contrário de todos. Se falasse algo parecido, diziam que ela só repetia o que os outros falavam. Ela disse que muitas vezes a mulher era colocada mais para chamar atenção do público masculino do que para debater conteúdo com os jornalistas homens (DANTAS, 2015).

Renata Mendonça, fundadora do site *Dibradoras*, disse em entrevista à Dantas (2015, p. 57) que foi destinada a cobrir esporte amador porque, quando trabalhava na ESPN Brasil, seu editor acreditava que homens estavam inseridos em atividades esportivas desde crianças e mulheres não. "Eu ouvi de um editor meu que ele não me mandava para cobrir os clubes porque não tinha a certeza de que eu teria conhecimento suficiente sobre jogadores e contexto daquele clube" (MENDONÇA [entrevista cedida a] DANTAS, 2015, p.57).

Em entrevista, ela contou que uma jornalista virou alvo de insinuações machistas por parte de colegas que disseram que ela tinha "outros métodos" para conseguir informações exclusivas de atletas. Fora que, quando mulheres vão alcançando mais sucesso na área, a justificativa dos homens para isso é sempre

que ela "está ali porque é bonita" ou "está ali porque deu pra alguém" (MENDONÇA [entrevista cedida a] DANTAS, 2015, p.62).

Para além do preconceito, desde que as mulheres passaram a ocupar espaços no mercado de trabalho, elas também tiveram que exigir respeito. O relatório da pesquisa da Abraji (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017), indica que as mulheres que atuam nas redações de todo o Brasil enfrentam constrangimentos e precisam lidar rotineiramente com atitudes machistas de colegas, superiores e fontes. No caso das profissionais do jornalismo esportivo, a violência se tornou uma barreira principalmente para as que trabalham com futebol, dentro e fora de campo.

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo e a consultoria Gênero e Número, em parceria com o Google News Lab, fizeram um levantamento e emitiram um relatório em 2017 chamado *Mulheres no jornalismo brasileiro*. Foram feitos grupos focais nas cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília e São Paulo e aplicados questionários online. Este segundo teve a participação de 477 respondentes que trabalham em 271 veículos diferentes.

Conforme a pesquisa, 83,6% das jornalistas relataram já ter sofrido ao menos um tipo de violência psicológica: insultos verbais, humilhação em público, abuso de poder ou autoridade, intimidação verbal, escrita ou física, tentativas de danos a sua reputação, ameaça de perder o emprego em caso de gravidez, ameaças pela internet, insultos pela internet. Além disso, 65,7% das jornalistas afirmaram ter tido sua competência questionada ou visto uma colega ter a competência questionada, e 86,4% admitiram já ter passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017).

O relatório traz relatos de mulheres jornalistas que sofreram episódios de discriminação de gênero durante o trabalho por colegas, chefes ou fontes. Em uma das declarações, uma das jornalistas disse que deixava de cobrir determinados jogos em razão de ser mulher (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017).

Em outro episódio, há um relato de que uma repórter, ao questionar o técnico do Sport Club Internacional em julho de 2017 sobre a atuação do time, recebeu a seguinte resposta: "Desculpe, eu não vou fazer essa pergunta para você porque

você é mulher e de repente não jogou (futebol)” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017, p. 6-7).

Ramires (2020) diz que o discurso dá conta de que sendo mulher, a repórter não está capacitada para debater questões técnicas desse esporte, que é amplamente veiculado, comentado, estudado e sob atuação profissional. Das jornalistas que responderam a pesquisa, 4,6% das respondentes trabalham na editoria de esportes. O estudo aponta que:

“O que encontramos de discrepante são as áreas de esportes, educação e tecnologia, nas quais os homens estão sobre-representados como editores. [...] Já na área de turismo, moda, gastronomia e estilo de vida há proporcionalmente mais mulheres editoras que homens. Esse quadro sugere uma certa divisão do trabalho jornalístico conforme os antigos estereótipos. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017, p. 16-17).

Ramires (2020) explica que a divisão de trabalho conforme o gênero nas editorias, mostra que o estereótipo impede ascensão profissional de mulheres, simplesmente por serem mulheres. Quando se fala sobre a discriminação das mulheres no futebol, o assunto não é diferente. Costa (2019) diz que em ambientes controlados por homens é habitual que as mulheres sofram com inconvenientes.

Entre os episódios relatados por mulheres do que têm de enfrentar no jornalismo esportivo estão agressões verbais, físicas, importunação e assédio sexual. Em 25 de março de 2018 nasceu o #DeixaElaTrabalhar, um movimento de mulheres jornalistas para denunciar o assédio moral e sexual no ambiente esportivo. O manifesto, criado por 52 mulheres, foi feito pelas redes sociais e publicado em um vídeo em que pedem por respeito. Conforme Ramires (2020), a campanha lança luz a casos silenciados no ambiente esportivo.

[...] o manifesto conclama todas e todos a uma causa legítima e que necessita da adesão de segmentos variados, uma vez que o assédio – tomado com falta de respeito – é sofrido entre torcedores, colegas, chefes, técnicos, jogadores e dirigentes, em uma ampla denúncia dos espaços e personagens dessa violência; além do silenciamento a outros casos de assédio. (RAMIRES, 2020, p. 506).

A campanha surgiu após dois episódios de machismo e assédio durante a cobertura esportiva. Um deles foi no dia 11 de março de 2018, com a jornalista Renata de Medeiros, da Rádio Gaúcha. Ela foi agredida¹⁰ por um torcedor enquanto trabalhava no clássico Gre-Nal, no Beira-Rio. A repórter gravou o ocorrido e publicou

¹⁰<https://ge.globo.com/rs/futebol/noticia/reporter-grava-agressao-em-gre-nal-e-registra-boletim-de-ocorrendia.ghtml>

na sua conta do *Twitter*: “Sai daqui, puta, gritou um torcedor do Inter pra mim. Pedi que repetisse enquanto eu filmava. Me agrediu. Nunca achei que fosse passar por isso trabalhando” (REPÓRTER..., 2018).

A publicação teve 12 mil e 500 curtidas e mais de 2 mil comentários. O Sport Club Internacional se pronunciou por meio de nota oficial e lamentou o episódio sofrido pela jornalista. Na época, o torcedor foi encaminhado ao Juizado Especial Criminal (Jecrim) do Beira-Rio após a agressão. Em 9 de julho de 2021, conforme reportagem do *UOL* (2019), o torcedor Rafael Vinicius Lopes foi condenado¹¹ por ofender e agredir a jornalista Renata de Medeiros (CEZARINI, 2019).

Dois dias depois após a agressão à Renata, Bruna Dealtry fazia uma transmissão ao vivo pelo Esporte Interativo do jogo entre Vasco e Universidad de Chile pela Libertadores quando foi beijada¹² na boca por um vascaíno. O homem a beijou e saiu. Bruna seguiu trabalhando e fez um comentário: “Isso não precisava, né? Não foi legal” (ASSEDIADA..., 2018).

Nas redes sociais, Bruna desabafou:

Senti na pele a sensação de impotência que muitas mulheres sentem em estádios, metrô, ou até mesmo andando pelas ruas. Um beijo na boca, sem a minha permissão, enquanto eu exercia a minha profissão, que me deixou sem saber como agir e sem entender como alguém pode se sentir no direito de agir assim. Com certeza o rapaz não sabe o quanto eu ralei para estar ali. O quanto eu estudei e me esforcei para ter o prazer de poder contar histórias incríveis e estar em frente às câmeras mostrando tudo ao vivo. Faculdade, cursos, muitos finais de semana perdidos, muitos jogos de futebol analisados, estudo tático, técnico, pesquisas, etc. Mas pelo simples fato de ser uma mulher no meio de uma torcida, nada disso teve valor para ele. Se achou no direito de fazer o que fez [...] Sou repórter de futebol, sou mulher e mereço ser respeitada. (DEALTRY, 2018).

Em nota, o Esporte Interativo lamentou o ocorrido e disse que tinha muitas mulheres trabalhando na empresa e pediu respeito a todas as mulheres. O homem gravou um vídeo com um pedido de desculpas à Bruna e à sua família: “Eu estou totalmente errado, totalmente envergonhado. Eu não queria fazer aquilo, mas eu bebi e fiz tudo errado. Acho que você está 100% na razão de reclamar” (ASSEDIADA..., 2018, documento eletrônico).

¹¹<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/07/09/torcedor-do-inter-que-agrediu-jornalista-e-condenado-a-4-meses-de-prisao.htm>

¹²<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/03/assediada-ao-vivo-com-beijo-de-torcedor-reporter-faz-desabafo-em-rede-social.shtml>

No dia do lançamento do movimento, a repórter da RBS TV Kelly Costa foi agredida¹³ verbalmente por um torcedor durante uma cobertura esportiva entre Brasil de Pelotas e São José, pelo Campeonato Gaúcho, no estádio Passo D'Areia, em Porto Alegre. O agressor foi retirado das arquibancadas pela polícia após o público se manifestar contra as palavras. Em comunicado divulgado pelo Coletiva.net (2018), o Grupo RBS disse que repudia a violência dirigida a jornalistas em atividade profissional e disse que a empresa está tomando as medidas legais para proteger a profissional e garantir a apuração dos fatos (REPÓRTER AGREDIDA..., 2018).

Em junho de 2018, mais dois casos (*todos os episódios a partir do #DeixaElaTrabalhar estão reunidos em quadro abaixo*) vieram à tona durante a Copa do Mundo da Rússia. No dia 24 daquele mês, Julia Guimarães se preparava para um link ao vivo para a TV Globo antes da partida entre Japão e Senegal, quando um homem tentou beijá-la¹⁴ à força. No vídeo, que viralizou nas redes sociais, Júlia repreende o torcedor e pede respeito. “Eu não te autorizei a fazer isso. Nunca! Ok? Isso não é educado, isso não é certo. Nunca faça isso! Nunca faça isso com uma mulher. Respeito!” (GLOBO ESPORTE, 2018).

Em entrevista ao Globo Esporte, Júlia falou mais como se sentiu no ocorrido: “É horrível. Eu me sinto indefesa, vulnerável. Desta vez eu dei uma resposta, mas é triste, as pessoas não entendem. Eu queria entender por que a pessoa acha que tem direito de fazer isso” (LAMENTÁVEL..., 2018).

Dias depois, outra vítima de violência e desrespeito foi a repórter Laura Zago, da CBF TV. Ela fazia uma gravação¹⁵ antes do jogo entre Brasil e Sérvia, quando um torcedor tentou beijá-la. A Confederação Brasileira de Futebol publicou a imagem e um texto da jornalista. Nele, a repórter disse que foi a terceira vez que esse tipo de episódio aconteceu com ela no Mundial:

O que algumas pessoas precisam entender é que isso não é engraçadinho, não é piada e não é uma brincadeira no momento de êxtase do jogo. É um desrespeito, eu estudei, me preparei, cheguei aqui na Rússia e não é pra ficar sendo desrespeitada durante o meu trabalho. Isso não tem graça. E achar isso normal é corroborar com uma ideia machista que mulheres estarão sempre à mercê desse tipo de atitude. Gritar o nome do time, fazer festa durante o nosso trabalho faz parte do evento, é normal, natural e aceitável, o futebol tem esse

¹³<https://www.coletiva.net/jornalismo/-reporter-agredida-em-cobertura-esportiva-integra-acao-deixa-ela-trabalhar-.271094.jhtml>

¹⁴<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/lamentavel-torcedor-tenta-beijar-reporter-da-globo-na-russia-triste-que-isso-ainda-aconteca.ghtml>

¹⁵<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/reporter-da-cbf-tv-e-mais-uma-vitima-de-assedio-na-russia-nao-e-piada.ghtml>

momento de alegria e êxtase. E que bom! Mas há uma distância bem grande entre você fazer uma festa e ser assediada. (REPÓRTER DA CBF TV..., 2018).

Praticamente seis meses depois do #DeixaElaTrabalhar entrou em vigor a Lei nº 13.718 que trata da importunação sexual que altera o texto do Código Penal para inserir o crime de importunação sexual. A partir desta data, foi considerado crime o ato de praticar ato libidinoso de caráter sexual, na presença de alguém, sem sua autorização e com a intenção de satisfazer o seu prazer sexual ou de outra pessoa. Conforme a lei, podem ser considerados atos libidinosos: apalpar, lambe, tocar, desnudar, masturbar-se ou ejacular em público e outras práticas e comportamentos que tenham finalidade de satisfazer desejo sexual (BRASIL, 2018).

Em 15 de fevereiro de 2019, um homem tentou¹⁶ beijar a repórter Karine Alves que cobria um jogo no Maracanã pela Fox Sports. A reação dela foi se esquivar e continuar a dar os detalhes do jogo. Karine fez um desabafo nas redes sociais: "Ninguém tem o direito de desrespeitar uma pessoa ou alguém durante o trabalho. Seja forçando um contato físico, como um beijo ou abraço, quando não há consentimento. O nome correto para isso é importunação sexual" (VOLPATO, 2019). A Fox Sports emitiu uma nota em que disse que repudia o desrespeito sofrido pela repórter e que a emissora estava dando todo o suporte para a profissional.

Outro caso aconteceu com a jornalista Laura Gross, que cobria¹⁷ um jogo do Internacional pela Rádio Guaíba. Ela concedeu entrevista ao Coletiva.net e disse que dois torcedores se aproximaram dela:

Os dois homens, então, começaram a dizer que queriam dar uma entrevista para a repórter que era "muito linda", além de afirmarem que "não poderiam ir embora sem aproveitar". Na sequência, o agressor segurou a cabeça da jornalista e tentou beijá-la. Laura pediu para ele parar, mas ele não respeitou o pedido e conseguiu encostar em sua bochecha. (LAURA..., 2019).

Depois dela revelar o caso em sua conta no Twitter, o presidente do clube na época, Marcelo Medeiros, informou que o homem havia sido identificado pelas câmeras de segurança. Na entrevista ao portal, Laura relatou: "Ontem, eu estava pior, pois não falei sobre o assunto. A gente se sente acuada, com nojo, repulsa e medo" (LAURA..., 2019).

¹⁶<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/02/reporter-do-fox-sports-e-assediada-ao-vivo-com-tentativa-de-beijo-em-pleno-maracana.shtml>

¹⁷<https://coletiva.net/comunicacao/laura-gross-sofre-assedio-durante-cobertura-do-jogo-do-internacional.296631.jhtml>

A repórter Camila Diesel foi ao Twitter revelar que foi agarrada¹⁸ e beijada à força por um torcedor durante uma partida no Beira-Rio no dia 31 de julho de 2019. Ela estava cobrindo a Copa do Brasil, em um jogo do Internacional contra o Nacional do Uruguai pela Rádio Guaíba. Nas redes sociais, ela desabafou:

“Foi na bochecha, muito perto da boca e sem consentimento. Isso é assédio! Na hora, minha reação foi nula. A gente nunca espera passar por isso enquanto trabalha. De fato, atitudes como essas precisam ser denunciadas. A relativização dos fatos muitas vezes nos calam, mas é necessário colocar luz sobre esses comportamentos que nos invadem e nos constroem. Qualquer ação sem consentimento é invasão, é assédio. (REPÓRTER SOFRE..., 2019, documento eletrônico).

Ela afirmou que recebeu contato de João Patrício Herrmann, vice-presidente do Internacional, e que ele ofereceu o apoio da instituição sobre o caso oferecendo acesso às imagens de câmera de segurança do Beira-Rio.

Julie Santos, repórter da Flamengo TV relatou que foi assediada¹⁹ durante a gravação dos bastidores no dia 04 de fevereiro de 2020. O jogo era no Maracanã, em uma partida entre o time rubro-negro e o Resende pelo Campeonato Carioca. Em entrevista ao UOL (2020), a repórter contou o que aconteceu:

Eu sempre fico na [arquibancada] Norte, sempre gravo na Norte no final. Quando fui encerrar o vídeo, fiz algo que sempre faço que é gravar com a torcida. Gravei o encerramento com a galera atrás de mim. Quando terminei de falar, em meio à muvuca, meio que me esconderam [torcedores]. Todo mundo ficou na minha frente, para aparecer na câmera. Foi neste momento que senti que apertaram a minha bunda. (SANTOS [entrevista cedida a] ARAÚJO, 2020, documento eletrônico).

O Flamengo se pronunciou nas redes sociais, repudiou o fato e disse que apoia as mulheres que sofrem assédio diariamente. Na época, Julie chegou a cogitar mudar a forma como fazia os vídeos em razão do episódio, mas repensou a decisão e garantiu que não alteraria a forma como trabalha. “Acho que é importante que eu conte mesmo, que quando acontecer com alguém, a pessoa fale. Isso incentiva outras mulheres. Acredito que isso, um dia, vá acabar” (SANTOS [entrevista cedida a] ARAÚJO, 2020, documento eletrônico).

Jéssica Dias foi vítima²⁰ de importunação sexual por um torcedor do Flamengo em setembro de 2022 enquanto cobria a semifinal da Copa Libertadores

¹⁸<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/reporter-sofre-assedio-durante-jogo-internacional-libertadores.html>

¹⁹<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/04/reporter-da-tv-do-flamengo-relata-assedio-durante-gravacao-com-torcedores.htm>

²⁰<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2022/09/08/reporter-vitima-de-assedio-se-manifesta-nao-foi-so-um-beijinho.ghtml>

pela ESPN. Ela falava ao vivo para a emissora quando o rubro-negro a beijou. O vídeo em que o homem beija a repórter teve repercussão nas redes sociais. Na época, Jéssica relatou que antes de entrar ao vivo ele já a havia agredido verbalmente e fez um desabafo nas redes sociais reproduzido em reportagem²¹:

Foi só um beijinho no rosto. Não. Não foi. Antes tiveram muitos xingamentos e importunação, porque o ao vivo demorava. [...] Eu sofri importunação sexual enquanto trabalhava e isso é crime. Eu não queria beijo, não queria carinho, não queria passar 3h em uma delegacia. Eu só queria trabalhar. O ser humano que fez isso estava com um filho menor de idade que se desculpou pelo pai. O menino não tem culpa, não punam a família dele. (REPÓRTER VÍTIMA..., 2022, documento eletrônico).

Marcelo Benevides Silva foi detido e teve a prisão preventiva decretada após passar pelo Juizado Especial Criminal. Depois, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro decidiu²² que o torcedor responderá pelo caso em liberdade. O processo corre na Justiça e, por isso, o homem não pode deixar o Rio de Janeiro sem autorização judicial, não pode ter contato com a vítima ou testemunhas e não poderá ir a jogos do Flamengo até o processo ser encerrado (JUSTIÇA..., 2022).

Esses foram alguns casos divulgados que aconteceram no ambiente do jornalismo esportivo. Ainda há outros, que nunca foram falados e expostos. Costa (2009) explica que casos de assédio no jornalismo esportivo não estão restritos aos torcedores. Há comentários ofensivos vindo de colegas de trabalho, de atletas, de dirigentes e de colegas de profissão. Para Ramires (2020), é necessário ir além para combater esse tipo de situação:

A violência sexista a que essas trabalhadoras são submetidas, denunciam e voltam a sofrê-la, clama por ações que discutam o direito para além dos textos de lei, e sim para uma educação ampla que conscientize homens - e mulheres também - que o espaço de trabalho não é uma concessão de um grupo que detém o (e se impõe no) poder. [...] As mulheres deverão ser notícia, produzir notícia, redigir notícia, narrar, reportar, apresentar e comentar eventos das mais diversas abordagens. Deverão ter a liberdade (direito democrático) de serem quem são, como assim nasceram, como tenham se constituído social e politicamente, como escolheram ou como foram chamadas a viver. A luta só se amplia com a tomada de pautas de grupos de invisibilizadas - sejam elas negras, indígenas, lésbicas, trans... enfim, mulheres. (RAMIRES, 2020, p. 507).

²¹<https://www.gazetaesportiva.com/todas-as-noticias/reporter-se-pronuncia-apos-caso-de-assedio-em-jogo-do-flamengo-nao-foi-so-um-beijinho/>

²²<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/justica-toma-decisao-acerca-de-torcedor-que-assediou-reporter-da-espn.html>

Quadro 1 - Resumo dos casos de assédio

Data	Jornalista	Jogo	O caso	Link
11/03/18	Renata de Medeiros, Rádio Gaúcha	Gre-Nal no Beira-Rio	Xingada e agredida por um torcedor	https://ge.globo.com/rs/futebol/noticia/reporter-grava-agressao-em-gre-nal-e-registra-boletim-de-ocorrencia.ghhtml
13/03/18	Bruna Dealtry, Esporte Interativo	Vasco e Universidad del Chile, pela Libertadores	Bruna Dealtry foi beijada na boca por um torcedor do Vasco, enquanto realizava uma transmissão ao vivo	https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/reporter-do-esporte-interativo-desabafa-apos-assedio-de-torcedor/
25/03/18	Kelly Costa, RBS TV	Brasil de Pelotas e São José, pelo Campeonato Gaúcho	Foi agredida verbalmente por um torcedor	https://www.coletiva.net/jornalismo-/reporter-agredida-em-cobertura-esportiva-integra-acao-deixa-ela-trabalhar-,271094.jhtml

24/06/18	Júlia Guimarães, TV Globo	Japão e Senegal na Copa do Mundo	Um torcedor russo tentou forçar um beijo enquanto ela se preparava para uma entrada ao vivo	https://oglobo.globo.com/esportes/reporter-da-globo-vitima-de-assedio-na-russia-horrivel-eu-me-sinto-indefesa-22816719
30/06/18	Laura Zago, CBF TV	Brasil e Sérvia pela Copa do Mundo	Um torcedor tentou beijá-la quando ela gravava para a TV	https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/reporter-da-cbf-tv-e-mais-uma-vitima-de-assedio-na-russia-nao-e-piada.ghtml
15/02/19	Karine Alves, Fox Sports	Flamengo e Fluminense, pela Taça Guanabara	Um torcedor tentou beijar o rosto dela enquanto ela falava	https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/02/reporter-do-fox-sports-e-assedada-ao-vivo-com-tentativa-de-beijo-em-pleno-maracana.shtml
04/04/19	Laura Gross, Rádio Guaíba	Inter e River Plate, pela Libertadores	Torcedor tentou beijar jornalista da à força na entrada do estádio	https://coletiva.net/comunicacao/laura-gross-sofre-assedio-durante-cobertura-do-jogo-do-internacional-296631.jhtml
08/08/19	Camila Diesel, Rádio Guaíba	Inter e Nacional, pela Libertadores	Relatou ter sido agarrada e beijada à força por um torcedor	https://www.lance.com.br/fora-de-campo/reporter-sofre-assedio-durante-jogo-internacional-libertadores.html

04/02/20	Julie, Flamengo TV	Flamengo e Resende, pelo campeonato carioca	Relatou que foi assediada durante a gravação dos bastidores	https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/04/reporter-da-tv-do-flamengo-relata-as-sedio-durante-gravacao-com-torcedores.htm
08/09/22	Jéssica Dias, ESPN	Flamengo e Vélez Sarsfield, pela semifinal da Copa Libertadores	Foi beijada ao vivo por um torcedor rubro-negro na entrada do Maracanã	https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2022/09/5035337-reporter-da-espn-e-assediada-em-estadio-e-torcedor-do-flamengo-e-detido.html

Fonte: quadro elaborado pela autora

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 A campanha # Deixa

A campanha #DeixaElaTrabalhar surgiu em 25 de março de 2018, encabeçada por repórteres esportivas do Brasil para denunciar o assédio moral e sexual no ambiente esportivo. A campanha surgiu após dois episódios de machismo e assédio durante a cobertura esportiva. Para as profissionais era preciso fazer alguma coisa e uma campanha foi lançada pelas redes sociais em um perfil criado para o movimento. Em 11 de março de 2018, um torcedor do Sport Clube Internacional gritou "Sai daqui, puta" e empurrou a repórter Renata Medeiros, que cobria o clássico Gre-Nal pela Rádio Gaúcha. No dia 14 do mesmo mês, um torcedor do Vasco beijou Bruna Dealtry, repórter do Esporte Interativo, que cobria o jogo contra o Universidad do Chile, pela Libertadores.

Participaram daquela iniciativa 52 mulheres que trabalhavam com esporte, entre apresentadoras, repórteres, produtoras e assessoras. A primeira ação do conjunto foi a divulgação nas redes sociais de um vídeo²³ com um manifesto, em que cada uma falava um trecho do texto:

Aconteceu comigo... [imagens do assédio à Bruna Dealtry]
Recentemente, também aconteceu comigo... [imagens do assédio à Renata de Medeiros] Já aconteceu com todas nós [imagens do assédio à Aline Nastari]. E não dá mais para acontecer. Somos mulheres e profissionais. Só queremos trabalhar em paz. O esporte também é lugar nosso e eu quero respeito. Respeite a nossa voz e as nossas escolhas. Chega de desconfiança, chega de diferenciação. Ei, você aí: chegou a hora de se importar. A omissão também machuca, e não é só machismo, é desrespeitoso. É nojento. É ofensivo. É uma violência. Chega! Deixa ela trabalhar! Deixa ela trabalhar! Deixa ela trabalhar! Deixa ela trabalhar! Deixa ela trabalhar! (DEIXAELATRABALHAR, 2018).

A partir do manifesto, clubes como Atlético-MG, Atlético-GO, Bahia, Botafogo, Chapecoense, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Fortaleza, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Paysandu, Santa Cruz, Santos, São Paulo, Sport e Vitória aderiram rapidamente ao movimento. As jornalistas do #DeixaElaTrabalhar participaram de palestras, entrevistas e seguiram movimentando as redes sociais contra o assédio até a última postagem, no dia 19 de fevereiro de 2019, quando

²³ Disponível no link: https://www.instagram.com/p/Bgwl_ViBxAE/

publicaram mais um caso de assédio à jornalista Karine Alves, que estava cobrindo um jogo no Maracanã pela Fox Sports.

5.2 Metodologia

Este estudo analisa os episódios de violência e a repercussão destes atos no período entre março de 2018 e setembro de 2022. O período de início da pesquisa se justifica pela deflagração da campanha #DeixaElaTrabalhar, já que, desta forma, será possível avaliar as mudanças que aconteceram a partir do início do movimento. A delimitação em setembro de 2022 é compatível com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Esta pesquisa terá caráter exploratório, para entender o cenário da violência contra jornalistas esportivas desde a Campanha #DeixaElaTrabalhar. De acordo com a classificação de Gil (2008, p. 27) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Considerando que o problema de pesquisa é “O que mudou em relação à violência contra a mulher jornalista esportiva em quase cinco anos após o movimento #DeixaElaTrabalhar?”, entende-se que o estudo de caso é o método mais adequado. Conforme Gil (2002), um dos propósitos deste método é explorar situações da vida real em que não há uma definição de limites. Além disso, Yin (2001) explica:

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. (YIN, 2001, p.19).

A análise do que mudou em relação à violência contra as mulheres jornalistas no futebol poderá gerar resultados que falem sobre gênero para serem utilizados em outros aprofundamentos e que são resultados descritivos. Gil (2002) explica que nos estudos de caso, os dados podem ser obtidos por análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos.

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre violência contra mulheres jornalistas e serão analisados outros exemplos que ocorreram dentro do período proposto e entrevistas com Bruna Dealtry, uma das primeiras jornalistas a falar sobre a violência sofrida em estádio e Jéssica Dias, repórter que sofreu importunação sexual depois de mais de quatro anos do movimento #DeixaElaTrabalhar. Um estudo deste porte se baseia em uma pesquisa exploratória e qualitativa para entender o cenário do período estudado que trata do assédio às jornalistas esportivas.

Figura 1 - Momento em que Bruna é beijada por torcedor durante entrada ao vivo



Fonte: Reprodução/Esporte Interativo

A primeira entrevistada foi a jornalista Bruna Dealtry, atualmente repórter na Cazé TV. No dia 13 de março de 2018, ela trabalhava pelo canal Esporte Interativo e seguidamente fazia transmissões ao vivo com a torcida. Naquele dia, ela entrou ao vivo antes do jogo entre Vasco e Universidad de Chile, que disputavam a libertadores, em frente ao estádio São Januário, no Rio de Janeiro. No meio da transmissão, ela foi beijada na boca por um torcedor. O homem a beijou e saiu. Bruna seguiu trabalhando e fez um comentário: "Isso não precisava, né? Não foi legal" (ASSEDIADA..., 2018, documento eletrônico).

Em publicação nas redes sociais, a repórter desabafou sobre o episódio. Senti na pele a sensação de impotência que muitas mulheres sentem em estádios, metrô, ou até mesmo andando pelas ruas. Um beijo na boca, sem a minha permissão, enquanto eu exercia a minha profissão", escreveu. [...] "Sou repórter de futebol, sou mulher e mereço ser respeitada." (ASSEDIADA..., 2018, documento eletrônico).

Em nota, o Esporte Interativo lamentou o ocorrido e disse que a empresa tem plena confiança na competência das mulheres que trabalham nas diversas funções e que enfrentam dificuldades comuns da profissão. "Ontem, ninguém se divertiu. Pedimos respeito a todos os profissionais, a todas as mulheres e que siga o jogo dentro das regras, confiando nas pessoas e no espírito esportivo" (ASSEDIADA..., 2018, documento eletrônico).

Um dia depois, o homem gravou um vídeo de retratação em que pedia desculpas à Bruna e à sua família. "Eu estou totalmente errado, totalmente envergonhado. Eu não queria fazer aquilo, mas eu bebi e fiz tudo errado. Acho que você está 100% na razão de reclamar" (ASSEDIADA..., 2018, documento eletrônico).

Figura 2 - Momento em que torcedor beija Jéssica durante entrada ao vivo



Foto: Reprodução/ESPN

A outra entrevista foi com Jéssica Dias, que passou por uma situação parecida depois de mais de quatro anos da campanha #DeixaElaTrabalhar, quando atuava pela ESPN. Ela fazia cobertura de torcida antes da partida entre Flamengo x

Vélez em frente ao Maracanã, no Rio de Janeiro. Quando ela iniciou a transmissão, um torcedor do Flamengo a beijou.

Em depoimento à polícia, contou que o homem, identificado como Marcelo Benevides Silva, já tinha a molestado antes mesmo de entrar no ar, com xingamentos e beijos no ombro. Logo que finalizou a entrada ao vivo, a equipe que acompanhava Jéssica segurou Marcelo e pediu que policiais o levassem para a delegacia. Ele estava acompanhado do filho, de 17 anos.

Ele foi preso em flagrante e, na audiência de custódia, o Juizado Especial Criminal manteve a prisão e a converteu em preventiva. Em publicação no Instagram, Jéssica desabafou sobre o caso e contou que ficaria longe das redes e dos canais por um tempo.

“Foi só um beijinho no rosto. Não. Não foi. Antes tiveram muitos xingamentos e importunação porque o ao vivo demorava.” (REPÓRTER VÍTIMA..., 2022, documento eletrônico). O Flamengo e a ESPN repudiaram a atitude do torcedor.

Jéssica, como toda mulher deve fazer, registrou boletim de ocorrência. A ESPN e a Disney repudiam qualquer tipo de agressão contra as mulheres. A empresa vai dar todo apoio a nossa repórter e esperamos que o agressor seja punido com todo o rigor que a lei permite. (REPÓRTER VÍTIMA..., 2022, documento eletrônico).

Um dia depois, ele teve o alvará de soltura expedido pela Justiça do Rio de Janeiro, que decidiu que o torcedor responderá pelo caso em liberdade. De acordo com a decisão da Justiça, Marcelo Benevides Silva não pode deixar o Rio de Janeiro sem autorização judicial, não pode ter contato com a vítima ou com testemunhas e não poderá ir a jogos do Flamengo até o processo ser encerrado (JUSTIÇA..., 2022).

6 OS CASOS DE ASSÉDIO

Como relatado, a violência contra as duas jornalistas são semelhantes: Bruna Dealtry e Jéssica Dias foram beijadas sem autorização por um torcedor, antes de uma partida de futebol, durante o trabalho delas e o ato aconteceu quando estavam ao vivo para a televisão. Tanto Bruna Dealtry como Jéssica Dias fizeram relatos sobre o momento.

As duas tinham familiaridade com entradas ao vivo da torcida, em que retratavam a festa do público antes das partidas. “Era uma coisa que a tv gostava de me colocar para fazer, porque também ficava tranquila, conversava com as pessoas antes. Então eu já entrava no link fazendo aquela festa. De fato, não era um problema para mim” (JÉSSICA, 2023)²⁴. Bruna explicou que, para ela, não era diferente e que sempre gostou de estar com o público para passar exatamente a emoção do momento para quem estivesse em casa (BRUNA, 2023)²⁵.

No momento do acontecido, Bruna conta que estava no meio da torcida do Vasco, que estava eufórica: voava cerveja, bandeira, camisa, todos estavam empolgados com a competição. A repórter relembra exatamente como a situação aconteceu:

E aí eu tava dando todas as informações, até que o torcedor me deu um beijo e nitidamente eu senti na boca. E aquilo me incomodou demais. E você não se prepara para uma situação como essa, né? Eu sempre fui muito boa de improviso, mas aquilo realmente me pegou de um jeito diferente. E eu olhava em volta e eu via as pessoas rindo. Só tinha homem à minha volta e todo mundo rindo daquela situação. Meninos, sabe? um menino de uns dez anos achando graça, achando aquele cara o máximo. (BRUNA DEALTRY, 2023).

Bruna comentou rapidamente o ocorrido no ao vivo e voltou a passar informações sobre o jogo. Ela contou que desabou depois que saiu do ar. “Aquilo me fez muito mal. Eu comecei a chorar, eu liguei pro meu marido, liguei pro meu pai, falei: “cara, eu não sei se eu tô fazendo certo” [...] No momento de fragilidade a gente até se questiona.”

Ela rebateu comentários de pessoas que dizem que a roupa das mulheres incita o assédio. “Eu tava de camisa pólo e calça jeans. Então assim: não existe justificativa, a não ser os caras acharem que somos objetos, que eles podem fazer o que quiser com a gente” (BRUNA, 2023).

²⁴ Entrevista concedida via Google Meet para esta autora no dia 16 de janeiro de 2023

²⁵ Entrevista concedida via Google Meet para esta autora no dia 7 de fevereiro de 2023

A partir daquele momento ela quis desabafar, porque não queria que outra mulher se sentisse como ela se sentiu. Bruna expôs a situação na internet, e recebeu apoio de outras mulheres jornalistas. “No primeiro momento elas foram me dando força, depois todas contaram um caso, e a gente percebeu que todas já passaram por isso” (BRUNA, 2023).

Dois dias antes do episódio com Bruna, a repórter da Rádio Gaúcha Renata de Medeiros foi agredida no Beira-Rio durante um clássico Gre-Nal. Ela gravou o ocorrido e publicou na sua conta do *Twitter*: “Sai daqui, puta, gritou um torcedor do Inter pra mim. Pedi que repetisse enquanto eu filmava. Me agrediu. Nunca achei que fosse passar por isso trabalhando” (REPÓRTER..., 2018).

A batalha das mulheres para estar no jornalismo esportivo vem desde o início da profissão. E isso tem relação com a luta feminina para ocupar espaços como um todo. Isso porque, até pelo menos o século passado, o sexo feminino era proibido de trabalhar fora de casa, de estudar, de sair sem acompanhante, etc. Mulheres tinham a vida destinada a serem mães e cuidar dos afazeres domésticos.

No Brasil, as mulheres só tiveram direito ao voto em 1932, o que demonstra quantos direitos as mulheres ainda precisariam conquistar. Conforme Righi (2006), até pelo menos os anos 1950 ainda existiam dimensões muito claras sobre territórios de homens e mulheres. No trabalho, elas conseguiam emprego como professoras, enfermeiras, telefonistas, secretárias. E profissões como engenharia, medicina, direito e jornalismo eram áreas exclusivas aos homens.

E se no jornalismo como um todo já existiam dificuldades para que as mulheres ingressassem, no jornalismo esportivo, uma área predominantemente masculina, os desafios eram muito maiores. Se for pensar no futebol, ainda mais, já que o esporte era feito por homens e para homens.

Mesmo que houvesse registros de divulgação esportiva já no início do século XX, Coelho (2006) diz que até pelo menos a década de 1970 era quase impossível ver mulheres no esporte e que eram raras as figuras femininas que apareciam nas redações esportivas.

Muitas das pioneiras na profissão como Mary Zilda Grassia Sereno, Maria Helena Rangel e Regiani Ritter já sofreram com preconceito no início da carreira quando estavam participando de coberturas esportivas. A própria Rádio Mulher, que tinha uma equipe inteira feminina, sofria com o preconceito dos colegas de

imprensa, que conforme Ribeiro (2007), apoiavam a ideia, mas reclamavam de ter que dividir o espaço nos jogos com mulheres.

O preconceito é apenas o primeiro dos desafios que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho e ele se acentua quando elas ingressam em um meio predominantemente masculino como o esporte (PEDROZA, 2017). Além da discriminação, elas ainda têm que lidar com violência e assédio.

Santos (2020), explica que a profissional no jornalismo esportivo afronta a dominação masculina em dois momentos, porque está no mercado de trabalho e no futebol, dois territórios que, na visão conservadora, não pertencem a elas. E é isso que as coloca na linha de frente dos assédios.

Bruna Dealtry revelou que, em 2018, quando o caso aconteceu, ela descobriu que outras mulheres já tinham passado por uma situação parecida, seja por assédio, importunação sexual, agressão ou preconceito de gênero, mas a maioria se calou quando aconteceu com elas. “Eu acho que a gente lutou tanto para estar no jornalismo esportivo que a gente tinha muito medo de se fazer de vítima, sabe? Como se a gente tivesse que suportar qualquer situação pra tá ali” (BRUNA DEALTRY, 2023).

Depois de ser uma das primeiras a falar sobre o assunto publicamente, foi criada uma rede de apoio de mulheres jornalistas, entre repórteres, produtoras, assessoras e apresentadoras esportivas do Brasil inteiro com o objetivo de denunciar o assédio moral e sexual no ambiente esportivo:

A gente falou “cara, por que a gente não fala? Sabe o que você fez? É certo, né? A gente tem que falar”. Então, a partir daí, a gente fez um movimento que a gente percebeu que todo mundo já tinha passado e todo mundo tinha colocado essa situação debaixo do tapete. A gente não queria mais, não fazia mais sentido a gente passar por isso, sabe? (BRUNA DEALTRY, 2023).

Assim, a campanha #DeixaElaTrabalhar surgiu em 25 de março de 2018 e a partir desse momento, as jornalistas se deram ao direito de falar sobre o violência contra as mulheres no ambiente de trabalho. Com a repercussão do relato na internet, mudanças foram vistas ao longo do tempo no jornalismo esportivo. Bruna entende que a abordagem sobre o assédio às jornalistas mudou: o que antes era visto como algo engraçado, depois da campanha tornou-se sério.

O movimento foi amplamente divulgado na imprensa brasileira, em veículos como o Globo Esporte, a Zero Hora, na Folha de S. Paulo, a Marie Claire, entre

outros. Nos veículos internacionais, a luta das brasileiras foi repercutida por alguns portais como o El País, a BBC News, o The Guardian, o The Intercept.

Os clubes brasileiros também manifestaram apoio às jornalistas pelas suas redes sociais. O Atlético-MG, Atlético-GO, Bahia, Botafogo, Chapecoense, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Fortaleza, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Paysandu, Santa Cruz, Santos, São Paulo, Sport e Vitória aderiram à campanha. (#DEIXAELATRABALHAR..., 2018).

De acordo com Dantas (2015), com o tempo, as mulheres jornalistas têm se destacado cada vez mais na cobertura esportiva em razão do seu conhecimento. Bruna acredita que antes do #DeixaElaTrabalhar, as mulheres nos programas televisivos de debate estavam no estúdio apenas para cumprir tabela, não para debater com os homens:

Acho que até aquela época ainda existiam aquelas mulheres que ficavam num estúdio, só bem vestidas, com o celular na mão, lendo só as notícias, como se fosse um enfeite dentro de um programa de debate. A partir daí a gente falou “Cara, não, não existe mais esse papel para a gente”. (BRUNA DEALTRY, 2023).

Para a repórter, o #DeixaElaTrabalhar abriu as portas para que as mulheres jornalistas começassem a falar sobre os assédios que sofriam. Ela lembra que o assunto gerou debates e considera que foi como uma revolução dentro das empresas “Eu lembro que aconteceu umas reuniões de chefes falando: “Gente, a gente tem que se questionar em que momento você foi machista com a sua colega de trabalho e elas não falaram nada”” (BRUNA, 2023).

Bruna lembra que essas situações aconteciam seguido com ela e com suas colegas no trabalho. “A gente está numa rodinha e os homens não deixarem a gente ter voz em um debate sobre futebol dentro da nossa própria empresa ou eles fazerem alguma piadinha machista do nosso lado”. (BRUNA, 2023).

Ela recorda que a partir daquele momento as mulheres jornalistas não pararam mais de falar e levantar reflexões e questionamentos. Para Bruna, o público feminino se sentiu mais livre para abordar temas também nas redes sociais.

A partir do movimento, a questão da idade no trabalho também começou a ser questionada. Na percepção de Bruna, as mulheres tinham data limite para trabalhar em razão da aparência. “Os homens, eles trabalham sem prazo de validade, carecas, na forma física que tiver. As mulheres tem que estar sempre em

forma, jovens, maquiadas, bonitas, bem vestidas. [...] eu acho que já teve uma boa evolução.” (BRUNA, 2023).

Além disso, Bruna pensa que o principal fator que influenciou para que se registrassem mudanças nas empresas e na divulgação dos casos, além da forma de abordagem e das denúncias, foi a união das vozes das mulheres. “Antes a gente se misturava muito com homens e queria ser igual, né? E a gente quer espaços iguais. Mas o que a gente vive ainda é diferente. Então é muito importante essa união feminina e essa força da nossa voz” (BRUNA, 2023).

Para ela, a partir do momento em que as mulheres se sentem seguras e à vontade para falar, elas passam a ser ouvidas. Bruna explica que isso concede força e faz com que a realidade seja transformada pouco a pouco.

Como reflexo do movimento, pelo menos outras sete mulheres que trabalhavam com esporte denunciaram agressões ou importunações enquanto atuavam em uma cobertura esportiva. Todas elas estavam dentro ou fora de estádios em partidas de futebol e falaram sobre o ocorrido nas redes sociais.

O último caso abordado nesta pesquisa é Jéssica Dias. O que separa um episódio do outro é um hiato de mais de 4 anos, mais precisamente 1635 dias depois. Jéssica contou que aguardava ser chamada em uma entrada ao vivo com torcedores do Flamengo. Ela disse que avisou as pessoas que faltavam cinco minutos para o ao vivo, mas a programação atrasou e os cinco minutos se tornaram vinte, o que não agradou a um torcedor.

“Ele ficou de fato muito nervoso, muito estressado, me xingando e perguntando “e aí, não vão chamar? Não vão chamar?” e me chamando de diversos nomes, e eu posicionada na frente da minha câmera, não podia fazer nada” (JÉSSICA, 2023). A repórter disse que o homem começou a alisar e beijar seu ombro e que tentou se esquivar, até que o câmera que estava com ela pediu para que o homem parasse:

Então já estava se gerando uma tensão muito grande por conta do comportamento dele antes mesmo do link. E aí enfim, eu entrei no ar, eu nem entrevistei ele, quem consegue ver nas imagens, eu viro para a esquerda, eu converso com o pessoal, dou as costas para ele, mas mesmo assim aconteceu aquilo dele virar e me dar um beijo. (JÉSSICA, 2023).

Jéssica descreve que estava em um nível de estresse muito grande, pela responsabilidade do jogo e pelos acontecimentos antes de entrar ao vivo. Ela também estava na semana do seu casamento, então tinha coisas fora do trabalho

para resolver. Ela disse que o beijo não foi a pior parte, mas sim uma conjunção de fatores que fez com que a situação ficasse ainda mais difícil:

Naquilo eu soube que primeiro eu tinha sido violada e segundo, que meu rosto, minha cara estaria em todos os locais possíveis. Por quê? Porque era um jogo de uma abrangência nacional, era um jogo de transmissão da minha emissora, era um jogo do Flamengo que, enfim, atinge uma massa gigantesca. Então, aquilo ali, quando eu saio do link, me desestabiliza de todas as formas. (JÉSSICA, 2023).

Jéssica relembra que sentou no chão, começou a chorar e os dois cinegrafistas que estavam com ela a trabalho foram atrás do agressor junto aos outros torcedores. Ela conta que se sentiu totalmente violada e que muitas pessoas ao redor dela disseram que o homem a tinha desrespeitado e a importunado e, por esse apoio, foi até a delegacia prestar queixa.

Tanto Jéssica, quanto Bruna contam que, quando o caso aconteceu, estavam em uma posição vulnerável em relação aos homens que as assediaram. “Eu estava totalmente impotente numa situação como essa, cheio de homem à minha volta, se eu me rebelasse e não ia ter o que fazer, sabe?” (BRUNA, 2023). Jéssica garantiu que “ele fez isso porque eu era mulher, porque eu estava ali, numa posição vulnerável, que eu não poderia reagir” (JÉSSICA, 2023).

Assim como Bruna, Jéssica também disse que chegou a se questionar sobre estar certa ou errada naquela situação. Depois de passar a noite na delegacia, ela disse que tudo foi muito difícil até que entendesse que fosse vítima mesmo da situação:

Eu me culpei muito pelo filho dele, que estava na delegacia triste. Porque o filho dele queria assistir um jogo com o pai e não tinha culpa daquilo que estava acontecendo. E eu me culpei muito pela mulher dele e pela família dele, que teria ali um ente, alguém preso. Então, foram coisas que eu também precisei lidar comigo mesma, com a minha cabeça, com os meus sentimentos, pra hoje conseguir falar. (JÉSSICA, 2023).

A jornalista considera que tudo o que se passou depois do beijo foi a pior parte para ela: “Eu perdi horas dentro de uma delegacia, eu passei mal, eu vomitei porque era um ambiente em que eu não gostaria de estar” (JÉSSICA, 2023).

Depois do acontecido, vários jornais e programas de televisão repercutiram imagens e reportagens sobre o caso. Portais digitais como Globo Esporte, G1, O Globo, portal UOL, Metrôpoles, Hugo Gloss, Lance, Jovem Pan, entre outros, foram alguns dos canais que repercutiram o caso de importunação sexual que Jéssica sofreu.

Jéssica relembra que recebeu uma chamada de vídeo da sua irmã um dia depois do que aconteceu e questionou:

“Jéssica, o que aconteceu? Você está no Hugo Gloss”, e eu falei: “quê?” E ela falou: “você está no Gossip do dia, na Gina Indelicada”, assim na internet, nos portais de fofoca, eu estava em todos. E eu falei “Meu Deus do céu!” Eu esperava que eu tivesse uma exposição nos programas esportivos, nas emissoras de esportes e não assim nas páginas de fofoca. Pra gente ver o poder da internet também. (JÉSSICA, 2023).

Nos programas de televisão, as apresentadoras repudiaram o acontecimento. Renata Fan (2022, documento eletrônico), durante o Jogo Aberto, na Bandeirantes, falou sobre o episódio: “Uma coisa absurda é alguém achar que por uma mulher trabalhar no meio do futebol, que ela pode ser inferior, que ela pode se transformar num objeto”.

Jéssica (2023) conta que via o seu rosto em tudo, e que a exposição fez com que ela se sentisse muito julgada.

Eu simplesmente não conseguia sair na rua sozinha, porque eu recebi hate de gente falando que se me visse na rua e ia me bater, porque eu estava fazendo aquilo com um homem de família, com um pai que só queria assistir o jogo com o filho e que se eu não quisesse que isso acontecesse, eu que então não estivesse trabalhando com isso, porque é um meio masculino e as mulheres tem que entender isso. (JESSICA, 2023).

Como estava na semana do seu casamento, ela precisou acionar uma rede de apoio para conseguir fazer suas coisas pessoais: “Para eu ir em algum lugar, alguém tinha que ir comigo. Para eu ir num salão de beleza, meu pai tinha que me levar”. Em relação às reportagens divulgadas nos dias seguintes ao acontecido, Jéssica desabafa que sentiu falta de empatia por parte de alguns colegas de profissão, que tentavam entrevista com ela:

Até mesmo colegas nossos, sabe, muito insensíveis nesses momentos. [...] “Pô, quebra esse galho, você sabe como é que é.” Mas não é questão de quebrar galho. Aquele momento que você está completamente mal sentimentalmente, você não quer dar entrevista e as pessoas têm que respeitar. Você tem que saber o tempo também de pedir isso, de acessar esse sentimento na outra pessoa, no caso, do entrevistado. (JESSICA, 2023).

No dia do ocorrido, Jéssica afirma que teve apoio da empresa. A ESPN mandou dois colegas para ficarem com ela na delegacia. “Eles falaram “Não, a gente vai até o fim. Agora fica tranquila que a gente vai até o fim. Você não está sozinha”. E assim eu me senti abraçada.” (JÉSSICA, 2023).

Ela disse que precisava ser forte naquele momento, que se sentia sozinha, mas que ao mesmo tempo tinha pessoas com ela. Depois disso, ela já ficaria fora alguns dias em razão do casamento, e a emissora optou por acrescentar dois dias de folga para a repórter descansar depois do ocorrido.

Jéssica foi consultada pelos gestores sobre o que ela gostaria que fosse veiculado, o que eles poderiam falar. Ela explicou que não queria que a empresa divulgasse as imagens que mostravam outras ações do homem que a importunou antes do beijo para não alimentar o assunto e a chefia aceitou o pedido:

Com certeza eles teriam a audiência, com certeza eles teriam alcance, com certeza o nome da empresa seria amplamente divulgado mais do que já estava sendo, mas por decisão minha de não me expor mais, eles respeitaram, eles não fizeram. (JESSICA, 2023).

Quatro anos antes, no caso de Bruna, o apoio da imprensa foi simbólico. Ela nunca imaginou que teria a repercussão que teve: “Eu achei legal que foi além da minha empresa. Eu trabalhava no Esporte Interativo, a Globo me apoiou, a Band e ESPN, empresas internacionais” (BRUNA, 2023). Bruna considera que a postura na divulgação de atitudes machistas também mudou: “Por exemplo, em 2014 aconteceram cenas parecidas que eram faladas na mídia como algo engraçado que aconteceu. Era levado para o humor. [...] A partir daí foi abordado cada situação como “olha que absurdo o que aconteceu!” (BRUNA, 2023).

A manifestação de Bruna nas redes sociais²⁶ acumulou pouco mais de 35 mil curtidas e mais de 4,7 mil comentários (DEALTRY, 2018). Nos comentários, muitas pessoas apoiaram Bruna e consideraram um absurdo a ação do homem: “Toda torcida do Vasco lhe deve um pedido de desculpas, apesar de pessoas como essas não representar o que o Vasco é, espero que continue exercendo seu trabalho e que isso não lhe abale” (Usuário do Instagram 1). Uma internauta escreveu: “Absurdo!!! Cabe o registro de um BO. Seu corpo, suas regras!” (Usuário do Instagram 2).

“Tá fácil identificar o cara, tá bem visível a cara dele ... Fácil pra fazer B.O. e dar um pouco de dor de cabeça a ele”, defendeu outro nos comentários (Usuário do Instagram 3). O posicionamento das pessoas ao redor de Bruna também revoltaram seguidores: “Pior de tudo q ninguém fez nada, achando normal...” (Usuário do Instagram 4). Muitos comentários incentivaram Bruna a denunciar:

Muito cansada de ver a mulher passar por isso e a situação ser banalizada. Se te entristeceu, se te afetou, denuncie. Só assim

²⁶ <https://www.instagram.com/p/BgTdtO2AIL5/?igshid=MDJmNzVkJmY%3D>

a banalização da violência contra a mulher começará o caminho para o fim. Apenas começo, mas temos que começar. Não é "apenas um beijinho", é assédio. "Apenas um beijinho", "nada de mais", ou achar um exagero a mulher ficar triste é banalizar o ato violento. É banalizar o que outro ser sente. Por favor, denuncie. Não banalize. Converse com seus chefes caso ache necessário para se sentir confortável para fazer a denúncia. (Usuário do Instagram 5).

A publicação também recebeu críticas, dizendo que Bruna exagerou e que, na verdade, o que ele fez foi uma demonstração de carinho. "Só um beijo na bochecha, não vi mal algum", disse outro usuário do Instagram (6). Nos comentários, teve quem justificou que o beijo não foi na boca: "Acho que ele não queria beijar na boca seria só beijinho no rosto de vc não tivesse virado...acho que não foi por mal...", dizia uma mensagem (Usuário do Instagram 7). Outra crítica falava que Bruna queria fama compartilhando esse conteúdo no seu perfil pessoal do Instagram:

O beijo seria na bochecha se ela não tivesse virado o rosto mas o rapaz percebendo o beijo acidental tomou o recuo devido imediato acho exagero de sua parte literalmente eu não vejo abuso algum por parte do rapaz só oq vejo e vc se aproveitando dessa situação para expor o rapaz e se vangloriar por sua elevada e soberba intelectualidade acadêmica. (Usuário do Instagram 8).

Não foi só um comentário: "por que invés dela fazer textao em rede social não processa ele então?? Ela está conseguindo oq ela queria.. IBOPE" (Usuário do Instagram 9). "Somente pelo ato o cara já eh um merda,mas falando a real o cara nem encostou em você", escreveu outro usuário (10). Tiveram outras opiniões também: "eu não vi nada forçado, vi um ato de surpresa...." e "oh véiiiiii ó pai ó.. Esses cara são foda" (Usuários do Instagram 11 e 12).

Bruna revelou que na vida real, fora da internet, as pessoas apoiaram muito mais do que contrariaram. "Eu acho que ninguém achou ok o que o cara fez, nenhum homem, sabe?" (BRUNA, 2023). De qualquer forma, disse que recebeu mensagens de pessoas questionando e afirmando que se fosse um jogador de futebol a beijando, ela teria gostado. "Mas nas redes sociais, aquela mensagem que as pessoas no anonimato têm coragem de escrever, mas na minha frente eu fui totalmente abraçada por todas as torcidas a partir daí." (BRUNA, 2023).

Inclusive depois desse episódio, ela continuou trabalhando normalmente. Uma semana depois, foi participar da cobertura de um jogo do Botafogo e lembra que se sentiu um pouco insegura no início. "Eu falei "cara, não vou mudar minha

vida por conta do que outra pessoa fez de errado”. Aí eu falei para os meus chefes: “eu me sinto bem, eu vou para o meio da torcida”” (BRUNA, 2023). Quando chegou no meio da torcida, ela foi reconhecida e abraçada pelos torcedores: “Eles fizeram uma roda à minha volta pra eu entrar ao vivo. E foi muito simbólico, foi muito bonito e emocionante, sabe?” (BRUNA, 2023).

E, se para Bruna a repercussão foi importante, para Jéssica foi mais difícil lidar com a exposição. Ela retornou ao trabalho depois de ter passado dias fora em razão do casamento e da lua de mel. Ela relembra que quando retornou, a ESPN fez questão de incentivá-la a não baixar a cabeça. “Quem te critica dizendo que você precisava dessa mudança, desse acontecimento na sua vida para te alavancar, a melhor forma é você trabalhando, mostrando seu potencial, mostrando que você não precisava disso” (JÉSSICA, 2023).

Mesmo com o apoio de muitas pessoas, a importunação, a exposição e os julgamentos que recebeu fez com que ela ficasse com receio de algumas coisas. Nos primeiros dias de volta ao trabalho, ficava apreensiva, pedia que os cinegrafistas olhassem para ver se tinha alguma pessoa falando ou apontando para ela. Ela relembra o primeiro dia depois do ocorrido quando fez uma reportagem em um local aberto, com um grande fluxo de pessoas.

Eu olhava para as pessoas, para o rosto das pessoas, para ver se elas estavam de fato me reconhecendo, me apontando. Eu fiquei muito assim com essa questão de apontamento, de ser o centro das atenções, entende? Porque eu fiquei no centro das atenções durante alguns dias. Então o meu receio era sempre esse. (JÉSSICA, 2023).

Ela contou que desistiu de fazer fotos na praia para o casamento por medo das pessoas reconhecerem ela. No dia do seu casamento se sentiu mal por ser o centro das atenções: “Não tem como a noiva não ser o centro das atenções. Então me deu uma crise de pânico”. A questão do apontamento e de “se tornar notícia” afetou Jéssica. “Não era questão das pessoas me encostarem ou de chegarem em mim. Era a questão das pessoas me apontarem, julgarem e falarem sobre mim sem sequer me conhecerem. Era questão de outros homens ficar falando besteira e isso sabe?” (JÉSSICA, 2023).

O relatório de pesquisa da Abraji (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017), indica que as mulheres que atuam nas redações de todo o Brasil enfrentam constrangimentos e precisam lidar

rotineiramente com atitudes machistas de colegas, superiores e fontes. No caso de Jéssica, as atitudes machistas se estenderam às redes sociais.

Um dia depois do assédio, Jéssica publicou uma sequência de três fotos, e a publicação recebeu mais de 92 mil curtidas e mais de 5,3 mil comentários (DIAS, 2022). Embora tenha recebido apoio de amigos e, principalmente, colegas de profissão, comentários de ódio também foram deixados na postagem²⁷ e assim ela foi vítima de uma onda de mensagens desagradáveis. Um seguidor escreveu: “Não achei assédio, mas no Brasil tudo é crime, e as pessoas se jogam pra mídia o cara tava sendo feliz e apenas deu um beijo no rosto, mas se fosse um famoso seria diferente” (Usuário do Instagram 13). Outro internauta falou: “O cara ser preso acho exagero” (Usuário do Instagram 14).

Foram centenas de comentários minimizando a situação de Bruna:

Engraçado, vc passou tudo isso antes de entrar ao vivo e continuou ali? Sinceramente não bate o seu relato, se eu estou num local onde tem pessoas que estão abusando de mim, ou querendo arrumar problema eu com certeza iria pra outro lugar; vc se meteu no meio da maior torcida; e os caras estavam super alegres e por causa de um beijo no rosto ele tem que realmente ser preso? Vários colegas seus passaram por isso e não precisou chegar ao extremo, na minha opinião vc queria aparecer e conseguiu! (Usuário do Instagram 15).

Nos comentários, que são de homens e mulheres, tem pessoas dizendo que o ato do indivíduo que a beijou foi em tom de festa, e de comemoração e que ela deveria entender isso:

Muda de profissão minha filha!! Vá cuidar de farol em alguma ilha pra contar navios, pois vivemos em um país latino e tipicamente festivo onde as pessoas são espontâneas e felizes. Imagina a vida desse homem com esses lacradores como vc. 🍷 muda de profissão. (Usuário do Instagram 16).

Alguns internautas questionaram o que Jéssica teria feito se fosse beijada por um jogador ou por alguém famoso. O questionamento foi para ironizar e apontar que, naquele caso, ela não teria processado e teria gostado de receber o beijo. “Se fosse o Neymar com essa mesma atitude, dando esse beijinho no rosto?” (Usuário do Instagram 17). “Se fosse um jogador você com certeza teria tido a mesma altitude, rs!!! Siga assim!!!”, comentou outra pessoa (Usuário do Instagram 18). “Engraçado que quando é jogador de futebol fica toda feliz. E quando é a mulher assediando o cara é engraçado, e batem palmas” (Usuário do Instagram 19).

²⁷ Disponível no link: <https://www.instagram.com/p/CiP4XYOuKR8/>.

Alguns comentários falavam sobre outros tipos de violência, como estupro e assédio sexual para justificar que Jéssica não foi uma vítima naquela situação. Vários comentários diziam que ela só queria ganhar notoriedade acerca do assunto. “Fresca, ridícula e aparecida!!” (Usuário do Instagram 20). “Até fixou pra ganhar mais mídia, então não quer esquecer essa cena!”, escreveu outro usuário (21).

Jéssica disse que recebeu vários comentários desse tipo, além de pessoas questionando o que teria acontecido se a mesma coisa tivesse acontecido com um homem. “E se fosse ao contrário??”, escreveu um internauta no comentário da publicação (Usuário do Instagram 22). “Mas as mulheres podem beijar um repórter né? que Hipocresia sua, coitado do cara” (Usuário do Instagram 23). Para Jéssica (2023), isso não teria acontecido se ela fosse um homem.

Ele viu que eu estava ali vulnerável por estar congelada no meu momento de trabalho, de não poder ter uma reação. E também porque eu sou mulher de fato, um homem gigantesco, barbudo, do meu lado direito, com filho do lado. O que eu poderia fazer? Se o filho dele quisesse se juntar também para fazer a mesma coisa, ou seria minoria, entende? (JÉSSICA, 2023).

Conforme Jéssica (2023), até hoje tem pessoas dizendo que ela queria mídia, que quis aparecer. A decisão dela foi ficar reclusa das redes sociais para não ver o que estavam falando dela. “Eu tive que lidar o tempo inteiro. Ligava a televisão, via o meu rosto por lá.” (JÉSSICA, 2023).

A repórter conta que ainda é vinculada ao episódio. Ela explica que não se limita a um fato e revela que não se sente confortável por ser lembrada como a repórter que sofreu importunação sexual. “Eu não sei lidar quando as pessoas falam pra mim “poxa, você é daquele episódio, né? Ah, eu sinto muito”. [...] Eu ainda tenho algumas questões pra falar do assunto também, muito porque eu tive opiniões contrárias”. (JÉSSICA, 2023).

Os comentários negativos não se restringiram às redes sociais. Jéssica conta que ouviu deboche quando já havia retornado ao trabalho. Ela e o cinegrafista estavam fazendo uma reportagem em frente ao hotel do Corinthians, em Copacabana, quando o colega de trabalho foi conversar com uma policial militar, que estava no local. Ao lado dela, ainda tinha um policial homem, que quando viu Jéssica, lembrou a situação em tom irônico. “O policial homem falou assim: “Olha só, não pode beijar ela, senão dá processo.” Debochando. E eu ali do lado dele, em

posição assim, pra entrar no ar. E eu não podia falar nada porque eu precisava mais uma vez me segurar pro link ali” (JÉSSICA, 2023).

Em relação a esses comentários, desde que voltou a trabalhar, Jéssica diz que procura ignorar. “Eu não gosto mais de render nesse assunto. Eu acho que as pessoas que tocam nesse assunto como forma de crítica hoje em dia é mais querendo checar de fato o assunto ou ganhar alguma notoriedade” (JÉSSICA, 2023).

O desfecho do caso de importunação de Jéssica começou com Marcelo Benevides Silva sendo preso preventivamente. Os policiais da própria delegacia que atua dentro do Maracanã conduziram Jéssica para prestar depoimento. Um dia depois, ele teve um alvará de soltura concedido²⁸ pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. O documento foi assinado por Marcello Rubioli, juiz da 1ª Vara Criminal Especializada em Organização Criminosa, Juizado do Torcedor e Grandes Eventos.

Assim, o torcedor do Flamengo responde o processo em liberdade, só pode sair do Rio de Janeiro com autorização judicial, não pode ter contato com a vítima e com testemunhas, salvo parentes, e está proibido de ir aos jogos do Flamengo enquanto o processo estiver em andamento. (WILKSON *et al.*, 2022)

Sobre a prisão e as proibições que o homem terá que cumprir durante o andamento do processo, Jéssica diz que sente que fez o que deveria ter feito. “Se eu não estivesse lá acompanhada de pessoas que me dessem força para falar: “Agora a gente vai pra delegacia e a gente vai botar esse cara, esse indivíduo na cadeia.” Talvez eu não fosse, porque você fica numa posição muito diminuída” (JÉSSICA, 2023). A repórter afirma que o futebol deve tratar desses assuntos e que, mesmo que a exposição a tenha prejudicado, ela não se arrepende de ter seguido com a denúncia.

O processo está correndo, não vou desistir, não vou tirar, não vou pedir para arquivar nem nada do tipo. Vai correr o processo e se ele tiver que, enfim, não ir mais a jogo, que sirva de exemplo. Tem que servir de exemplo pelo menos para o filho dele, que estava do lado dele e que a todo momento pedia desculpa pelo pai [...]. Então assim, é pensando também na próxima geração, na família dele, na mulher dele. Por que esse tipo de reação de homens que reagem talvez no calor da emoção? Pode até ser, mas isso deixa muito em ênfase, exposto o que de fato ele é, o que de fato passa na cabeça

²⁸ Disponível em

<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/09/08/torcedor-que-assediou-reporter-da-espn-recebe-alvara-de-soltura.htm>

dele, porque ele acha que é direito dele fazer. (JÉSSICA, 2023).

Para Bruna, o desfecho do caso foi diferente. Na época em que aconteceu, a lei de importunação sexual ainda não estava em vigor. A jornalista conta que não seguiu com o processo contra o homem que a beijou, porque ficou com medo em razão das audiências que teria frente a frente com o agressor. Ela contou que ele teria que pagar cestas básicas, mas que recuou do processo.

O que aconteceu de fato foi que a torcida do Vasco me abraçou e impediu ele de entrar no estádio durante muito tempo. Então foi algo natural de dentro da torcida mesmo. E aí outras coisas que aconteceram por curiosidade: a mulher dele se separou dele e o pai da mulher dele, o sogro, me ligou pra me falar que a filha dele já tinha passado por várias situações com ele, que ele já tinha traído ela diversas vezes e que aquela falta de respeito comigo foi o ápice pra mulher dele decidir se separar dele. Então assim, tiveram algumas consequências na vida pessoal, da própria torcida do time dele, mas eu não levei juridicamente adiante porque não ia ter grandes consequências, porque ainda não existia a lei. (BRUNA, 2023).

A repórter não soube afirmar se a decisão que tomou naquele momento foi correta, mas já na época considerava que não teria grandes consequências para o homem porque ainda não existia a lei de importunação sexual. No caso de Jéssica, a lei permitiu que ela fosse adiante com a denúncia e que o homem fosse julgado a partir do seu ato.

Mudanças no ambiente de trabalho são notadas por Bruna, que explica que, desde 2018, ela se sente mais segura em trabalhar com futebol. “Eu me sinto muito mais respeitada nas empresas, nos estádios, com os assessores de imprensa, com os próprios jogadores. Cara, há muitos anos um jogador não me dá uma cantada, por exemplo. Isso acontecia antigamente” (BRUNA, 2023).

Mesmo assim, ela diz que o ambiente do futebol concede liberdade para que as pessoas façam o que quiserem, e que isso pode ser um reflexo da violência que segue acontecendo. “Eu acho que na real, isso ainda acontece porque os homens ainda se sentem muito à vontade em ambientes de estádio e ainda se sentem superiores. Porém, eu acho que é encarado de uma forma diferente, isso já faz toda a diferença” (BRUNA, 2023).

Jéssica concorda sobre o ambiente de trabalho delas. “É um ambiente hostil de estádio? É um ambiente hostil. O público que consome é muito mais masculino? É muito mais masculino. Mas nem só por isso eles podem querer nos violar de

alguma forma” (JÉSSICA, 2023). Da mesma forma, ela afirma que as mulheres precisam se dedicar muito mais que homens nessa área esportiva.

Tem que ser forte. Você tem que fazer muito mais força do que o sexo oposto. Você tem que fazer muito mais força pra tirar um pouco da sexualidade que é ligada ao nosso gênero, ao nosso corpo, as nossas culpas. Você precisa tirar o foco daquilo para mostrar o lado seu extremamente profissional, capacitado e tudo mais. (JÉSSICA, 2023).

Jéssica explica que isso gera um esforço muito grande, que muitas vezes pode cansar e desgastar. “Às vezes vai fechar alguma porta, mas no momento que abrir, mergulha de cabeça que dá certo. [...] Tem que ser resiliente”. De certa maneira, ela presume que a exposição dos casos, que tem acontecido ao longo dos anos, faz com que novos casos possam ser evitados. “Hoje em dia o cara talvez pense duas vezes antes dele dar um beijo em uma outra repórter ao vivo, porque ele vai ligar diretamente o assunto ao meu caso.” (JÉSSICA, 2023). Ainda assim, ela não acredita que as pessoas mudaram totalmente:

Ainda não acredito que os homens tenham entendido totalmente que a gente pode estar trabalhando com futebol. Mas pelo menos eles têm um pouco mais de medo de agir de uma forma agressiva com as mulheres, porque eles sabem que isso vai ter consequência. E assim, é uma lei nova. Por exemplo, a lei de importunação sexual e de assédio nas redes é de 2018 e o movimento #DeixaElaTrabalhar teve muito a ver com isso também. (JÉSSICA, 2023).

Jéssica considera que, no seu caso, fez o que deveria ter feito. Embora busque dissociar sua imagem daquele fato, ela entende que ainda precisa conversar e debater sobre o assunto. “A minha parte eu fiz, que foi: tudo bem, eu fui exposta e tive que lidar com aquilo. Mas hoje em dia eu não tenho mais tanto medo da exposição, porque eu acho que é necessário falar sobre”. Conforme a jornalista, é importante que as mulheres tenham voz nesses momentos para que um tema importante não seja totalmente esquecido. “É importante que o assunto esteja em evidência. É importante que o esporte sirva de exemplo, porque o esporte faz parte da educação também, mas tem muito da sociedade” (JÉSSICA, 2023).

Ela explica que as pessoas hoje em dia estão muito conectadas com as marcas que consomem e que isso se estende aos veículos de comunicação. Para Jéssica, quanto mais inclusivo, melhor. Porém, ela percebe que algumas empresas cumprem cotas de inclusão, como contratar mulheres para parecerem inclusivas. “Por exemplo, não é que a empresa ache que a mulher tem capacidade total para fazer aquilo, mas ela precisa de uma mulher para ela se mostrar inclusiva. Aí que

mora o problema.” (JÉSSICA, 2023). Ela explica que nenhuma jornalista deve deixar a vaga por isso, mas acredita que, mais uma vez, as profissionais têm que provar que são competentes e capacitadas para trabalhar com aquilo. Jéssica entende que no momento em que ter uma mulher na equipe deixe de ser o diferencial, o gênero terá conquistado o que gostaria.

Eu acho que a gente vai vencer de fato, as mulheres vão vencer quando a gente parar de ser a surpresa, o elemento surpresa, a exceção, o diferencial. A gente não quer ser isso, a gente quer simplesmente ser. Mas então assim: “Ah, nossa! Eles contrataram uma menina. Que que tem? Normal, entende? Eu acho que a partir disso, quando justamente isso parar de ser pauta, de tomar tanto espaço assim é que a gente vai ter vencido o negócio. (JÉSSICA, 2023).

Sobre a ocupação das mulheres no esporte, Jéssica diz que elas precisam se esforçar muito mais que os homens para serem aceitas trabalhando com esporte.

Você tem que fazer muito mais força do que um homem. Você tem que fazer muito mais força do que o sexo oposto. Você tem que fazer muito mais força pra tirar um pouco da sexualidade que é ligada ao nosso gênero, a pessoas, nossa gente, nosso corpo, as nossas culpas, tudo. Você precisa tirar o foco daquilo para mostrar o lado, ser extremamente profissional, capacitado. (JÉSSICA, 2023).

Mesmo que o #DeixaElaTrabalhar tenha aberto espaços de fala e ajudado jornalistas a denunciarem casos de violência no esporte, o movimento não segue ativo. Bruna conta que a campanha foi muito importante naquele momento, em 2018, mas que hoje as jornalistas entendem que não precisam mais fazer ações com o nome. “Temos visões muito diferentes. [...] Tem as mulheres que gostam mais do confronto, tem mulheres que gostam mais da conversa. Então a gente não conseguiu chegar a um acordo como a gente conseguiu naquele momento” (BRUNA, 2023). Ela fala que naquele momento todas se alinharam na maneira como iriam confrontar e que deu certo. Porém, hoje em dia, cada uma tem o seu jeito de falar sobre as situações. “Tem umas que gostam de ser muito enfáticas em alguma situação, outras são mais sensíveis. Então, assim, acho que, nesse momento, cada uma tem a sua abordagem em cada tema” (BRUNA, 2023).

Mas ela não nega a união de todas e diz que novas abordagens podem ser pensadas: “Eu acho que a gente pode fazer novos movimentos, diversos, de grupos menores, grupos maiores, mas assim, sempre que algo acontece, a gente se dá muito a mão, sabe? Eu acho que isso não vai mais mudar” (BRUNA, 2023).

Bruna explica que hoje, as mulheres estão mais unidas, mas que não querem ser taxadas de um grupo. “Eu acho que a gente está muito mais querendo hoje em dia mostrar a nossa evolução com o nosso trabalho, com o nosso dia a dia, com a nossa voz individual e coletiva em alguns momentos” (BRUNA, 2023). Ela disse que, no caso de importunação sexual de Jéssica, os reflexos das mudanças na sociedade já puderam ser percebidos.

Esse cara foi julgado pelo próprio filho, sabe? Enquanto na minha época as criancinhas deram risada do que o cara fez comigo, dessa vez o filho do cara achou um absurdo o que o cara fez e ficou do lado da Jéssica. Então essa mudança já é muito relevante, sabe? É claro que vão ter esses acontecimentos, mas a forma como a sociedade enxerga isso já é totalmente diferente. (BRUNA, 2023).

Para Bruna, naquela época todas se juntaram e concordaram em todas as pautas, na abordagem, no modo de fazer. Hoje em dia, cada uma tem a sua própria visão sobre o movimento. Mas de qualquer forma, ela enfatiza que o movimento foi um marco no jornalismo esportivo. “Eu acho que isso não tem como ser apagado. Eu acho que é um exemplo para qualquer coisa que aconteça em qualquer momento que a gente sinta necessidade de retomar” (BRUNA, 2023).

De qualquer forma, deixar de falar sobre a violência contra às jornalistas não é visto como uma opção para Bruna. “Acho que não pode nunca acabar essa necessidade de a gente passar informação cada vez que acontecer, cada uma do seu jeito, da gente falar como aquilo é errado, como a mulher se sente” (BRUNA, 2023). Jéssica concorda:

Parar de falar sobre isso, não, não vou, não posso, não quero. Acho que é um caminho que tem que continuar sendo aberto, porque tem muita gente vindo atrás, pessoas da universidade que estão se formando agora, as meninas que pensam em trabalhar com esporte, sabe? Acho que a gente deve isso a essa nova geração também. (JÉSSICA, 2023).

Para mudar o cenário de violência contra as mulheres jornalistas, Bruna fala em aumentar a rigidez das leis. “Eu acho que ainda precisa existir alguma lei mais específica de punir pessoas. Alguma maneira das pessoas serem identificadas para que elas não se sintam impunes” (BRUNA, 2023). Ela reitera que é importante que tenha um controle na entrada dos estádios para que as pessoas possam ser identificadas mais facilmente. “Mais ações dessa forma deveriam acontecer para que as pessoas entendessem que se elas fizessem alguma ação, vai acontecer uma

consequência. Acho que elas ainda se sentem muito livres “Ah, estou em bando, aqui eu posso” (BRUNA, 2023).

De acordo com Ramires (2020) são necessárias outras ações que combatam a violência sexista. Essas ações devem ir além dos textos de lei e investir na educação para conscientizar homens e mulheres que o espaço de trabalho não é uma concessão de poder e sim, um direito. Além disso, as mulheres devem produzir notícia, redigir notícia, narrar, reportar, apresentar e comentar eventos das mais diversas abordagens, e devem ter a liberdade de serem quem são, como são, como escolheram ser.

Jéssica (2023) acredita que mudanças na educação e a conscientização da sociedade podem auxiliar para diminuir a violência. Para ela, medidas são importantes para que as mulheres conquistem o seu espaço no esporte, que é de direito delas.

Nosso país precisa ter uma educação muito melhor, né? A gente é meio que a pontinha de um iceberg gigantesco que precisa ser desconstruído. As pessoas precisam entender, as pessoas precisam trabalhar isso na mente delas. E é assim, eu acho que o dia que de fato a gente vencer essa guerra vai ser o dia que a gente parar de ter que falar sobre isso, de querer o nosso espaço, de reivindicar, sabe? O dia que a gente parar de ter que reivindicar é que a gente vai ter de fato conseguido nosso espaço. (JÉSSICA, 2023).

Ela afirma que para mudar o pensamento das pessoas, a conscientização deve sair da esfera do jornalista falando sobre o jornalista. Jéssica considera que isso deve partir da educação básica: “Mostrando para os menininhos da escola que a menina também pode fazer o que ela quiser. Ela pode jogar futebol, ela pode trabalhar em coisas que são consideradas masculinas, ela pode ser astronauta se ela quiser”. De qualquer forma, ela reitera que é direito da mulher poder ser quem quiser desde que tiveram direito ao voto. “Difícilmente alguém vai parar a gente agora. Eu acho que nunca, na verdade, ninguém vai parar a gente. Hoje em dia a gente dirige, hoje em dia a gente trabalha, hoje em dia a gente vota, a gente faz o que a gente quiser” (JÉSSICA, 2023).

O que vivem as mulheres no jornalismo esportivo é um retrato da figura feminina na sociedade. Ramires (2020) explica que a distância entre elas e os homens está nos salários, em acesso a empregos e na formação profissional. Existe, para as mulheres, uma lacuna preenchida que mostra o quanto elas já

conquistaram, mas ainda há uma lacuna em branco, de tudo o que ainda precisam superar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento #DeixaElaTrabalhar foi um marco na história da imprensa esportiva. A campanha fez com que as mulheres entendessem que não estavam sozinhas e abriu espaço para que elas pudessem falar sobre o assédio, a discriminação, o preconceito e a violência. Bruna Dealtry, uma das jornalistas entrevistadas nesta pesquisa, foi assediada antes de um jogo em 2018, e foi uma das primeiras repórteres a denunciar o que passou.

De fato, antes do episódio com Bruna, casos de assédio eram tratados com humor, como se fosse bonito que as repórteres recebessem cantadas ou elogios pela sua beleza enquanto trabalhavam, e beijos sem autorização eram considerados piada. Depois do #DeixaElaTrabalhar o discurso, a repercussão e a postura de divulgação desses casos por parte da imprensa em geral mudou e passou-se a falar com mais seriedade sobre o machismo no futebol e sobre o respeito às mulheres jornalistas. As próprias profissionais, como a repórter Bruna Dealtry revelou, se sentiram mais à vontade para falar sobre machismo porque sentiam que tinham ganhado uma carta verde da imprensa e da sociedade.

Não por acaso outras sete mulheres foram às redes sociais retratar casos parecidos de importunação sexual, assédio ou agressão depois do #DeixaElaTrabalhar. Então o movimento abriu um lugar de fala para as mulheres que antes elas não tinham. Além disso, fez com que o assunto fosse tratado na imprensa e dentro das empresas também.

Inclusive, no final de 2018, ano em que a campanha foi realizada, a importunação sexual passou a ser tratada como crime. Ou seja, qualquer ato de caráter sexual realizado sem autorização da outra pessoa poderia ser julgado como criminoso. A diferença da lei pode-se perceber nos julgamentos do homem que importunou Jéssica Dias e do homem que assediou Bruna Dealtry.

Marcelo Benevides Silva, que beijou Jéssica Dias foi imediatamente conduzido à delegacia e hoje responde ao processo em liberdade. Como não existia a lei de importunação sexual na época de Bruna, ela optou por não seguir com o processo para não se expor em frente ao denunciado. A diferença na reação da sociedade com o caso também pode ser percebida. No caso de Bruna, ela precisou se pronunciar na internet para que as pessoas comesçassem a entender que aquilo

estava errado. Como a própria jornalista relatou em entrevista, quando ela foi beijada, as pessoas que estavam ao redor riram da situação, inclusive crianças.

No caso de Jéssica Dias, quase cinco anos depois, diversos veículos de comunicação já repercutiram o caso antes mesmo da repórter se pronunciar. E as pessoas que estavam ao seu redor a ajudaram a entender a violação e a incentivaram a prestar queixa na delegacia.

Este estudo permite admitir que mesmo com a mudança de discurso, com a repercussão dos casos, com o lugar de fala das mulheres, com uma lei apontando os episódios como crime, o assédio, a importunação sexual e a violência contra as jornalistas seguem acontecendo. Praticamente cinco anos depois do movimento #DeixaElaTrabalhar, Jéssica Dias sofreu uma violação muito parecida com a que Bruna sofreu em 2018.

Além disso, a exposição e os julgamentos que foram feitos à Jéssica provam que o machismo ainda existe, e que ele está nas pessoas que encontramos nas ruas, nos comentários da internet, em quem diz que “não foi tudo isso”, e em todos que defendem o agressor. A forma como essas situações são abordadas mudou, mas o assédio não acabou. O preconceito de gênero, a discriminação e a violência contra mulheres jornalistas seguem evidenciados. E, como citado no início deste trabalho, se fôssemos usar o exemplo da grade, em que as mulheres conseguiram passar para o outro lado e ingressar no jornalismo esportivo, hoje em dia é como se as mulheres estivessem no campo, mas precisando enfrentar barreiras a cada passo, enquanto os colegas homens assistem a batalha delas.

Não tem como negar que o #DeixaElaTrabalhar foi importantíssimo para dar voz às mulheres, mas não foi suficiente para resolver o problema da discriminação. Não é à toa que jornalistas esportivas ainda estreiam em coberturas como “A primeira mulher a comentar um jogo de Copa do Mundo”, ou “A primeira mulher a narrar um jogo do Brasil”. Isso não quer dizer que não estejamos avançando, mas é uma maneira de mostrar que ainda há muito para percorrer, já que ainda há diferenças entre homens e mulheres simplesmente pelo gênero.

Não é por nada que as mulheres ocupam uma cadeira de cinco, em bancadas de debate esportivo, ou uma vaga em mesas redondas, ou somente uma jornalista mulher faz parte de uma equipe inteira de homens. O machismo não está só na torcida, está nos colegas de trabalho, nas empresas, nos líderes, na audiência e nos haters nas redes sociais. E é esse mesmo machismo que faz com que homens se

sintam no direito de beijar uma repórter sem autorização durante uma entrada ao vivo para a televisão.

Essa pesquisa demonstra que a luta feminina em favor de espaço e de respeito no jornalismo esportivo é contínua. O silenciamento do #DeixaElaTrabalhar aliado ao caso de importunação sexual sofrido por Jéssica Dias prova que o exercício da função da mulher jornalista ainda não é livre. Essa discussão deve ser ampliada para além dessa pesquisa e deve ser feita em conjunto, como sociedade. Mulheres falando por mulheres é uma forma de entrar na batalha, mas as mudanças começarão a ser vistas quando a sociedade lutar por mulheres.

É importante e essencial que a educação básica da sociedade seja trabalhada para mudar essa cultura, que respinga também fora do jornalismo esportivo. E que isso seja ampliado nas universidades, para que outras pessoas se juntem à batalha das mulheres para que a grade que existe para elas, seja apenas um acesso como é para os homens. Este estudo não termina aqui, porque as mulheres ultrapassaram a grade, mas ainda estão distantes de se sentirem seguras em campo.

REFERÊNCIAS

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo deportivo**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005. 205 p.

APEX CONTEÚDO ESTRATÉGICO. **O Perfil do Jornalista Brasileiro em 2018**. Brasil: Apex, 2018. Disponível em: <https://apexconteudo.com.br/o-perfil-do-jornalista-brasileiro-em-2018/>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023

ARAÚJO, Alexandre. Repórter da TV do Flamengo relata assédio durante gravação com torcedores. **UOL**, Rio de Janeiro, 4 fev. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/04/reporter-da-tv-do-flamengo-relata-assedio-durante-gravacao-com-torcedores.htm>.

ASSEDIADA ao vivo com beijo de torcedor, repórter faz desabafo em rede social. Folha de S. Paulo, São Paulo, 14. mar. 2018. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/03/assediada-ao-vivo-com-beijo-de-torcedor-reporter-faz-desabafo-em-rede-social.shtml>.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Mulheres no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Abraji, 2017. Disponível em: http://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

BAHIA, Juarez. **História da imprensa brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BOLZAN, Laudia de Oliveira; OLIVEIRA, Carolina Santana de; MARQUES, Franciele. **Jogo de Damas: o jornalismo esportivo sem futebol**. 13p. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – S. Cruz do Sul -RS – 30/05 a 01/06/2013. Ano 2013.

BRASIL. Decreto Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 16 abr. 1941, p. 7453. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 8 mar. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 13.718, de 24 de setembro de 2018**. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual [...]. Brasília, 24 de setembro de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm. Acesso em 22 mar. 2023.

CEZARINI, Renata. Torcedor do Inter que agrediu jornalista é condenado a 4 meses de prisão. **UOL**, São Paulo, 9 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/07/09/torcedor-do-inter-que-agrediu-jornalista-e-condenado-a-4-meses-de-prisao.htm>.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Viviani Barbosa. **MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: LUTA POR ESPAÇO E EQUIDADE DE GÊNERO**. In: SIMGETI, V, 2019, Varginha. **Anais [...]**. Varginha(MG): UNIS - Centro Universitário do Sul de Minas, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/vsimgeti/222931-MULHERES-NO-JORNALISMO-ESPORTIVO--LUTA-POR-ESPACO-E-EQUIDADE-DE-GENERO>. Acesso em: 17 fev. 2023.

DANTAS, Monique de Andrade. **MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO**. 2015. 99 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5635/1/MDantas.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2022.

DEALTRY, Bruna. Sempre fui uma repórter que adora uma festa de torcida. [s.l.], 14 mar. 2018. Instagram: @brunadealtry. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BgTdtO2AIL5/>. Acesso em: 22 mar. 2023.

DEIXAELATRABALHAR. #deixaelatrabalhar, [s.l.], 25 mar. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bgwl_ViBxAE/.

DIAS, Jéssica. Foi só um beijinho no rosto. São Paulo, 8 set. 2022. Instagram: jessicadiasst. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiP4XYOuKR8/>.

FAN, Renata. Renata Fan se revolta com assédio de torcedor do Flamengo a repórter da ESPN. [s.l.], 2022, 1 vídeo (4 min 49 s). Publicado pelo canal: Jogo Aberto. Disponível em: <https://youtu.be/lznrwtK5p5aw>. Acesso em: 22 mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GLOBO contrata Renata Silveira, primeira narradora da história da emissora. **Ge**, São Paulo, 7 dez. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/globo-contrata-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da-emissora.ghtml>.

JUSTIÇA toma decisão acerca de torcedor que assediou repórter da ESPN. **LANCE!**, Rio de Janeiro, 8 set. 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/justica-toma-decisao-acerca-de-torcedor-que-assediou-reporter-da-espn.html>.

LAMENTÁVEL! Torcedor tenta beijar repórter da Globo na Rússia: "É horrível. Eu me sinto indefesa". **GloboEsporte.com**, Ecaterimburgo, Rússia, 24 jun. 2018.

Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/lamentavel-torcedor-tenta-beijar-reporter-da-globo-na-russia-triste-que-isso-ainda-aconteca.ghtml>.

LAURA Gross sofre assédio durante cobertura do jogo do Internacional.

Coletiva.net, [s.l.], 4 abr. 2019. Disponível em:

<https://coletiva.net/comunicacao/laura-gross-sofre-assedio-durante-cobertura-do-jogo-do-internacional,296631.jhtml>.

LÉO, Alberto. **História do Jornalismo esportivo na tv brasileira**. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2017. 288 p.

MARQUES, Teresa Cristina Novaes. **O voto feminino no Brasil**. 2 ed. Brasília: Edições Câmara, 2019.

MONIKA Leitão. Perfil completo. **Memória Globo**, [s.l.], 4 jun. 2007 [atualizado em 28 out. 2021]. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/monika-leitao/noticia/monika-leitao.ghtml>.

NINA, Roberta. Esporte Interativo confirma Vivi Falconi como primeira narradora contratada. **Dibradoras**, [s.l.], 16 jun. 2018. Disponível em:

<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/06/13/esporte-interativo-confirma-vivi-falconi-como-primeira-narradora-contratada/?cmpid=copiaecola>.

PEDROZA, Christiana Lamoglia Sobral. **MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO**: os desafios e dificuldades da profissão. 2017. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/11422/3849>. Acesso em: 8 nov. 2022.

POLO, Rafaela. Narradora da ESPN abre 156 processos por ataque em redes:

'Saco de pancada'. **Universa UOL**, São Paulo, 19 abr. 2022. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/04/19/narradora-da-espn-entra-na-justica-contracomentarios-de-odio-em-suas-redes.htm?cmpid=copiaecola>.

QUEM é Ana Thaís Matos, primeira mulher a comentar jogos da Seleção masculina em Copas. **LANCE!**, Rio de Janeiro, 24 nov. 2022. Disponível em:

<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/quem-e-ana-thais-matos-primeira-mulher-a-comentar-jogos-da-selecao-masculina-em-copas.html>.

RAMIRES, Lídia. Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho: quem (não) as deixa trabalhar? **Katálysis**, Florianópolis, v. 3, n. 23, p. 501-509, set. 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p501>. Acesso em: 8 nov. 2022.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas**: a grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. 360 p.

RENATA Silveira se torna primeira mulher a narrar jogo de Copa na TV aberta.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 22. nov. 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/11/renata-silveira-se-torna-primeira-mulher-a-narrar-jogo-de-copa-na-tv-aberta.shtml>.

REPÓRTER AGREDIDA em cobertura esportiva integra ação 'Deixa ela Trabalhar'.

Coletiva.net, [s.l.], 23 mar. 2018. Disponível em:

<https://www.coletiva.net/jornalismo-/reporter-agredida-em-cobertura-esportiva-integra-acao-deixa-ela-trabalhar-,271094.jhtml>.

REPÓRTER grava agressão em Gre-Nal e registra boletim de ocorrência.

GloboEsporte.com, Porto Alegre, 11 mar. 2018. Disponível em:

<https://ge.globo.com/rs/futebol/noticia/reporter-grava-agressao-em-gre-nal-e-registra-boletim-de-ocorrencia.ghtml>.

REPÓRTER DA CBF TV é mais uma vítima de assédio na Rússia: "Não é piada".

GloboEsporte.com, Rio de Janeiro, 30 jun. 2018. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/reporter-da-cbf-tv-e-mais-uma-vitima-de-assedio-na-russia-nao-e-piada.ghtml>.

REPÓRTER SOFRE assédio durante jogo do Internacional na Libertadores.

LANCE!, Porto Alegre, 01 ago. 2019. Disponível em:

<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/reporter-sofre-assedio-durante-jogo-internacional-libertadores.html>.

REPÓRTER VÍTIMA de assédio se manifesta: "Não foi (só um beijinho)". **Ge**, Rio de Janeiro, 8 set. 2022. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2022/09/08/reporter-vitima-de-assedio-se-manifesta-nao-foi-so-um-beijinho.ghtml>.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. 326 p.

RIGHI, Anelise Farenzena. **As donas da bola**: inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo. 2006. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2006. Disponível em:

<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/anelise-righi.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2023.

RITTER, Regiani. Que fim levou? [Entrevista cedida a] ROZEMBERG, Marcelo.

Terceiro tempo, [s.l.], [s.d.]. Disponível em:

<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>.

SANTOS, Karina Carolina Peres. **#DeixaElaTrabalhar**: uma análise da repercussão e das apropriações da campanha na luta contra o assédio no jornalismo esportivo. 2020. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3227/6/MONOGRRAFIA_DeixaElaTrabalhar.pdf. Acesso em: 26 jan. 2023.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus Editorial, 1994. 113 p.

STYCER, Maurício José. Jornalismo Esportivo: 110 anos sob pressão. Artigo acadêmico. apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>.

VOLPATO, Leonardo. Repórter do Fox Sports é assediada ao vivo com tentativa de beijo no Maracanã. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 fev. 2019. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2019/02/reporter-do-fox-sports-e-assediada-ao-vivo-com-tentativa-de-beijo-em-pleno-maracana.shtml>.

WILKSON, Adriano; CESARINI, Beatriz; SIQUEIRA, Igor; ARAÚJO, Alexandre. Torcedor que assediou repórter da ESPN recebe alvará de soltura. **UOL**, São Paulo e Rio de Janeiro, 08 set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/09/08/torcedor-que-assediou-reporter-da-espn-recebe-alvara-de-soltura.htm>

YIN, Robert K.. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 205 p.

#DEIXAELATRABALHAR: jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte. **GloboEsporte.com**, São Paulo, 25 mar. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>.